

REFLEXÕES DOCENTES E SUAS PRÁTICAS EDUCACIONAIS:

*Experiências exitosas da
Educação Básica ao Ensino Superior*

vol. II

**Liziany Müller
Ivanio Folmer
Gabriella Eldereti Machado
Maria Cristina Rigão Iop
Rosiele Oliveira da Encarnação**
ORGANIZAÇÃO

ARCO
EDITORES ● ● ●

REFLEXÕES DOCENTES E SUAS PRÁTICAS EDUCACIONAIS:

*Experiências exitosas da
Educação Básica ao Ensino Superior*

vol. II

**Liziany Müller
Ivanio Folmer
Gabriella Eldereti Machado
Maria Cristina Rigão Iop
Rosiele Oliveira da Encarnação**
ORGANIZAÇÃO

ARCO
EDITORES ● ● ●

Esta obra é de acesso aberto.

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e a autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.



CONSELHO EDITORIAL

Prof. Dr. Thiago Ribeiro Rafagnin, UFOB.

Prof. Dr. Deivid Alex dos Santos, UEL

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva, UNIDAVI.

Prof^a. Dr^a. Camila do Nascimento Cultri, UFSCar.

Prof. Dr. Gilvan Charles Cerqueira de Araújo, UCB.

Prof^a. Dr^a. Fabiane dos Santos Ramos, UFSM.

Prof^a. Dr^a. Alessandra Regina Müller Germani, UFFS.

Prof. Dr. Everton Bandeira Martins, UFFS.

Prof. Dr. Erick Kader Callegaro Corrêa, UFN.

Prof. Dr. Pedro Henrique Witches, UFES.

Prof. Dr. Mateus Henrique Köhler, UFSM.

Prof^a. Dr^a. Liziany Müller, UFSM.

Prof. Dr. Camilo Darsie de Souza, UNISC.

Prof. Dr. Dioni Paulo Pastorio, UFRGS.

Prof. Dr. Leandro Antônio dos Santos, UFU.

Prof. Dr. Rafael Nogueira Furtado, UFJF.

Prof^a. Dr^a. Francielle Benini Agne Tybusch, UFN.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Reflexões docentes e suas práticas educacionais
[livro eletrônico] : experiências exitosas da
educação básica ao ensino superior : vol. 2 /
organização Liziany Müller...[et al.]. --
1. ed. -- Santa Maria, RS : Arco Editores,
2023.

PDF

Vários autores.

Outros organizadores: Ivanio Folmer, Gabriella
Eldereti Machado, Maria Cristina Rigão Iop,
Rosiele Oliveira da Encarnação.

Bibliografia.

ISBN 978-65-5417-096-3

1. Educação 2. Educação básica 3. Formação
docente - Metodologias ativas 4. Práticas
educacionais I. Müller, Liziany. II. Folmer,
Ivanio. III. Machado, Gabriella Eldereti.
IV. Iop, Maria Cristina Rigão. V. Encarnação,
Rosiele Oliveira da.

23-147466

CDD-370.71

Índices para catálogo sistemático:

1. Práticas educativas : Educação 370.71

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



10.48209/978-65-5417-096-3

Diagramação e Projeto Gráfico: Gabriel Eldereti Machado

Imagem capa: Designed by canva

Revisão: Organizadores e Autores(as)

ARCO EDITORES

Telefone: 5599723-4952

contato@arcoeditores.com

www.arcoeditores.com

Apresentação

Falar sobre docência e suas práticas é falar sobre experiências. A experiência é o que dá sentido a educação, seja a educação básica ou de nível superior. Aqui propomos a experiência de escrever na e sobre a educação. Assim como, os docentes que vem trazer suas reflexões, realizaram um exercício de análise crítica sobre sua própria prática, ampliando as discussões da sala de aula para um campo teórico-prático, esperamos adensar os focos de reflexões a cerca do ato de aprender e educar.

Larrosa diz que a experiência “é atenção, escuta, abertura, disponibilidade, sensibilidade, exposição” (2017, p. 68), e inspirado neste pressuposto o segundo volume da obra **“Reflexões docentes e suas práticas educacionais: Experiências exitosas da educação básica ao ensino superior”** trás algumas temáticas merecedoras de estudos e debate. Acreditamos que uma forma de potencializar as aprendizagens em seus diversos níveis é colocando as conclusões e reflexões em xeque, propor o debate acerca das dúvidas, divergências e convergências.

Para Freire (2015) não há docência comprometida com a formação do humano sem reflexão sobre a ação. Por isso a importância da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática.(FREIRE, 2015, p.40).

A experiência é para cada um diferente, particular, contingente, pessoal. Duas pessoas, ainda que vivam o mesmo acontecimento, não tem a mesma experiência. Desta forma dividir as experiências exitosas vividas na educação,

em seus diversos níveis e modalidades será uma experiência única para quem a compartilhou, seu autor e para aqueles que vão conhecê-las a partir da leitura desta obra. A autoria é um movimento colaborativo que partilha conhecimentos, ressignifica as práticas desenvolvidas, possibilitando diversas novas formas de aprender e compreender os processos que acontecem no âmbito da educação.

Assim, parablenizo os autores que contribuíram para que essa obra fosse produzida trazendo na sua escrita as experiências exitosas por meio da autoria dos capítulos que a compõe, possibilitando aos leitores a oportunidade da emergência de novas ideias, concepções e aprendizagens.

Desejo que com a leitura desta obra todos sintam-se estimulados, motivados e desafiados, a pensar e desenvolver suas práticas em sala de aula, de maneira criativa e inovadora. Uma boa leitura a todos!

Dra. Maria Cristina Rigão Iop
Santa Maria, março de 2023

Referências

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Ed. Paz e Terra. Coleção Saberes.2015.51ª Edição.

LARROSA, Jorge. Tremores: Escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2017

Sumário

CAPITULO 1

INCLUSÃO DE ALUNOS COM TEA NA EDUCAÇÃO REGULAR: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO CENÁRIO ATUAL.....9

Cristiane Alves dos Santos

Laura Fernanda Ramos dos Santos

doi: 10.48209/978-65-5417-096-1

CAPITULO 2

O PAPEL DO ENSINO DA ARTE NA SOCIEDADE E COMO ALIAR A MÚSICA A OUTRAS ÁREAS ARTÍSTICAS.....21

Hassan Pereira Jalil

doi: 10.48209/978-65-5417-096-2

CAPITULO 3

AS TECNOLOGIAS NO ENSINO: VIVÊNCIA A PARTIR DO PROJETO DE EXTENSÃO DO CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS DO CENTRO DE EDUCAÇÃO ABERTA E A DISTÂNCIA DA UFPI.....31

Alceane Bezerra Feitosa

doi: 10.48209/978-65-5417-096-0

CAPITULO 4

**RELATO DE EXPERIÊNCIA: SENSIBILIZAÇÃO DE UMA
COMUNIDADE ESCOLAR NA BAHIA SOBRE MEIO
AMBIENTE E SUA IMPORTÂNCIA PARA PRESERVAÇÃO
DA VIDA.....43**

Marcos de Oliveira Silva

Cláudia Santos Pereira

doi: 10.48209/978-65-5417-096-4

CAPITULO 5

**PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO COM
ARTE: CONTRIBUIÇÕES PARA O PROCESSO DE ENSINO E
APRENDIZAGEM.....54**

Ludimira da Silva Duarte

Cláudia Lafaiete de Brito Freitas

Daniela Menezes de Sousa Candido

Judite Terezinha Ostrowski Fernandes

doi: 10.48209/978-65-5417-096-5

SOBRE OS ORGANIZADORES.....67

SOBRE OS AUTORES.....72

CAPÍTULO 1

INCLUSÃO DE ALUNOS COM TEA NA EDUCAÇÃO REGULAR: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO CENÁRIO ATUAL

Cristiane Alves dos Santos

Laura Fernanda Ramos dos Santos

Doi: 10.48209/978-65-5417-096-1

Introdução

Assim como a sociedade evoluiu consideravelmente nos últimos dois séculos, com o ambiente escolar seguiu o mesmo ritmo, sendo necessário que os profissionais da educação se atualizem cada vez mais, estando aptos a exercer suas funções diante das necessidades que a educação moderna exige. França (2018, n. p.) expõe que “a informação e o conhecimento são compartilhados de

maneira muito rápida de certa forma quase instantânea, de modo que se manter atualizado é requisito indispensável para qualquer profissional”.

É cabível informar que esse artigo é resultado de uma pesquisa que busca compreender a inclusão dos alunos com TEA – Transtorno do Espectro Autista (ainda popularmente chamados de autistas), nas séries iniciais do Ensino Fundamental, abordando a ludicidade como uma ferramenta que possibilita esse fato. Parte-se do objetivo de compreender o autismo e os possíveis caminhos de inclusão desses sujeitos no ambiente escolar.

Para atingir suas finalidades, essa pesquisa foi desenvolvida utilizando como metodologia a pesquisa do tipo bibliográfica, que busca possibilitar a compreensão acerca de ações, métodos e estratégias para o exercício da inclusão de alunos com TEA no ensino regular.

Seguindo esta visão, esse trabalho foi desenvolvido buscando identificar as limitações dos alunos com TEA e o que deve ser realizado para assegurar a eles o devido processo de inclusão escolar, baseando-se na promoção de uma educação de qualidade. Nesse sentido, a principal missão dessa pesquisa é enfatizar a relevância que o processo de ensino voltado a inclusão de alunos com TEA possui e como deve ocorrer diante das mudanças do cenário educacional.

Perspectivas para uma Educação Inclusiva

O processo educacional voltado a inclusão acontece de forma diferente em cada país, no contexto brasileiro, a educação escolar como conhecemos hoje é fruto das inúmeras transformações que ocorreram desde o primeiro império e vindo a se consolidar na primeira década do século XXI. Todo o processo de transformação no cenário brasileiro, acabou por levar o modelo educacional a enfrentar diversos obstáculos, com o principal deles sendo a melhoria do processo de inclusão de alunos especiais no ensino regular.

Durante o século XX, a existência de poucas possibilidades em termos de escolas para alunos considerados “diferentes” acabou por contribuir com uma educação excludente, resultando em aumento progressivo de evasão escolar desse público ao longo dos anos. Buscando contornar tais empecilhos, foram desenvolvidas ao longo das décadas muitas políticas sociais voltadas a melhoria do ambiente escolar com o objetivo de transformar o passado excludente da educação e levar o ambiente escolar para uma nova realidade mais inclusiva e igualitária.

Esse paradigma é o da inclusão social - as escolas (tanto comuns como especial) precisam ser reestruturadas para acolherem todo espectro da diversidade humana representado pelo alunado em potencial, ou seja, pessoas com deficiências físicas, mentais, sensoriais ou múltiplas e com qualquer grau de severidade dessas deficiências, pessoas sem deficiências e pessoas com outras características atípicas, etc. É o sistema educacional adaptando-se às necessidades de seus alunos (escolas inclusivas), mais do que os alunos adaptando-se ao sistema educacional. (JACOMELI, 2020, n. p.).

Com a necessidade de tornar as condições de acesso mais justas, coube a escola se adequar de forma que atenda todos os estudantes, possibilitando assim, a igualdade e o acesso à educação para todos, independentemente de suas limitações. Nesta nova fase do ensino brasileiro, as necessidades educativas especiais não são vistas como problemas, mas como uma diversidade enriquecedora que apresentam diferentes formas com o ambiente escolar devendo estar preparado para acolher e desenvolver as potencialidades de cada indivíduo independente da sua limitação. No contexto de inclusão, alunos com TEA tem se destacado, representando uma porcentagem considerável de alunos especiais no ensino regular.

Ao dissertar sobre inclusão do aluno com TEA, primeiramente vai ser comentado sobre autismo, termo introduzido em 1911 por Bleuler. Já em 1943, temos Leo Kanner dizendo o seguinte: “a criança com autismo vive isolada, falta de linguagem (mutismo), obsessão a certos ruídos e alguns objetos, estereotípias e ecolalia”. Com esses estudos distinguiu

uma síndrome autística em sua publicação, dando origem à nomeação “Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo” (KUBASKI, 1943, p. 23).

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), é descrito como uma condição clínica caracterizada pela presença de déficits de comunicação e interação social, como os indivíduos diagnosticado como TEA, podendo apresentar comportamentos restritivos e movimentos repetitivos bem como dificuldades em socialização. Segundo Zaniollo, Dall’acqua (2014, p. 10), o autismo se refere “a um transtorno no qual as pessoas manifestam as seguintes características: prejuízos na interação social, problemas de comunicação e atividades de interesse repetitivo, estereotipados e limitados”.

O processo de socialização dos indivíduos diagnosticados com transtorno do aspecto autista não se trata de uma etapa fácil da vida, considerando que esses sujeitos apresentam grandes dificuldades de interação com outras pessoas. Em razão do transtorno, muitos indivíduos autistas possuem problemas sensoriais, atrasos na linguagem, assim como grandes dificuldades para se comunicar, perceber e expressar sentimentos. De acordo com Cavaco (2020, p. 05), “o autismo é uma síndrome comportamental com etiologias múltiplas e de um distúrbio de desenvolvimento, revelando como característica sintomática a tendência ao isolamento”.

Além dessas características, pode-se observar nos sujeitos com TEA: dificuldades na compreensão de metáforas e duplos sentidos (interpretação literal das frases), evitam contato visual, estresse na mudança de rotina, empecilho em interpretar sinais (expressões faciais, expressões verbais), ecolalia (repetições de palavras ou frases), comportamentos motores repetitivos (pular, balançar, fazer movimentos com os dedos e/ou mãos, bater palmas, etc.), dentre outras. Com isso, o autismo pode ser diagnosticado a partir dessas características, as quais demonstram que entre os indivíduos com autismo há discrepância de níveis de desenvolvimento. A partir dessas características pode-se afirmar o quanto é importante a inclusão desses alunos para o processo de desenvolvimento. (KLIN, 2006, p. 54).

Os primeiros aspectos do autismo aparecem nas primeiras etapas da infância, o que apresenta aspectos positivos e negativos visto que a infância representa uma fase importante da vida de um indivíduo, na qual ele estabelece os primeiros laços de amizade através da socialização no ambiente escolar, com as dificuldades de socialização oriundas do aspecto autista interferindo negativamente neste processo.

Por outro lado, por apresentar as primeiras características ainda na infância, torna mais fácil o processo de diagnóstico, e por consequência colabora para intervenções com relação ao tratamento de forma mais preventiva. De acordo com Cunha (2020, p. 05), o autismo “manifesta-se ainda nos primeiros anos de vida, provenientes de causas ainda desconhecidas. Trata-se de uma síndrome tão complexa que pode haver diagnósticos médicos abarcando quadros comportamentais diferentes”. Nesse sentido, considerando as especificidades do ambiente escolar,

A chegada da criança com autismo na escola regular gera grande preocupação tanto por parte da família quanto da escola. Nesse momento a família e os profissionais da educação se questionam sobre a inclusão dessas crianças, pois a escola necessita de adequações. Para as autoras, receber alunos com deficiência, mais especificamente com transtornos invasivos do desenvolvimento, é um desafio que as escolas enfrentam diariamente, pois pressupõe utilizar de adequações ambientais, curriculares e metodológicas. (BRANDE; ZANFELICE, 2012, p. 44).

A inclusão dos alunos com TEA nas classes regulares de ensino representa uma etapa importante para o pleno exercício social de todos os educandos, devendo ser o foco de toda instituição de ensino. Cabe ressaltar que o processo de diagnóstico do espectro autista acontece a partir de diversas características, com cada indivíduo podendo apresentar um ou mais sintomas as quais demonstram que entre os indivíduos com autismo há discrepância de níveis de desenvolvimento.

Ao se tratar sobre autismo, primeiramente deve-se compreender a educação especial como uma modalidade de ensino. Um sistema de educação caracterizado por um público-alvo que necessita de um olhar diferenciado, pois a escola, ao receber os alunos da educação especial, vai precisar reorganizá-la para que todos os alunos, em especial os autistas, tenham sucesso em seu desenvolvimento social, afetivo e cognitivo. Nesse sentido, conceitua-se educação especial como um modo de educar diferenciado, a qual tem como objetivo reestruturar o espaço físico e o sistema de ensino. Com esse enfoque, precisam-se apresentar estratégias na prática pedagógica como procedimento de educação, removendo barreiras para a aprendizagem, bem como contribuir para melhorias na qualidade de ensino dos alunos com autismo. (SMITH, 2008, p. 23).

O desenvolvimento do TEA assume características diversas, as quais ainda não são totalmente conhecidas, com a tese mais aceita na comunidade médica sendo associadas a fatores genéticos, possíveis casos de infecções durante a gestação, e aos fatores ambientais, como o convívio da gestante com a poluição. Segundo Smith (2009, p. 366), “como não foi identificada nenhuma causa específica, é impossível se pensar em estratégia de prevenção”. É conhecido que mesmo que as causas do autismo não tenham sido totalmente descobertas, muitos estudiosos acreditam que o autismo se consista em um distúrbio neurológico:

I - Deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação sociais, manifestada por deficiência marcada de comunicação verbal e não verbal usada para interação social; ausência de reciprocidade social; falência em desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento;

II - Padrões restritivos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades, manifestados por comportamentos motores ou verbais estereotipados ou por comportamentos sensoriais incomuns; excessiva aderência a rotinas e padrões de comportamento ritualizados; interesses restritos e fixos (BRASIL, Lei nº 12.764).

A inclusão escolar é reconhecida como um movimento de escala mundial que defende a integração de alunos que apresentam alguma necessidade educacional especial, prevendo condições para que seja oferecido um processo de

ensino e aprendizagem igualitário, em que todos os estudantes, independente de suas particularidades, possam usufruir das mesmas experiências e condições de aprendizagem dos demais alunos.

Acesso ao ensino regular, com participação, aprendizagem e continuidade nos níveis mais elevados do ensino; transversalidade da modalidade de educação especial desde a educação infantil até a educação superior; oferta do atendimento educacional especializado; formação de professores para o atendimento educacional especializado e demais profissionais da educação para a inclusão; participação da família e da comunidade; acessibilidade arquitetônica, nos transportes, nos mobiliários, nas comunicações e informação; e articulação intersetorial na implementação das políticas públicas. (BRASIL, 2008, p. 14).

Neste cenário, percebe-se a importância que representa o convívio no ensino regular para os alunos autista, visto que este contato por sua vez agrega inúmeros benefícios para esses alunos, desempenhando seus potenciais. Neste contexto, a Constituição Brasileira em seu Art. 205 afirma que “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Seguindo tal ótica, torna-se possível afirmar que os alunos com TEA possuem iguais direitos de acesso à educação nas classes regulares de ensino, sendo assim, é necessário que as condições ambientais e cognitivas atendam às necessidades desses indivíduos, estando adaptadas para o acolher de forma efetiva e promover uma educação de qualidade a esses sujeitos.

Consideram-se alunos com deficiência àqueles que têm impedimentos de longo prazo, de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, que em interação com diversas barreiras podem ter restringida sua participação plena e efetiva na escola e na sociedade. Os alunos com transtornos globais do desenvolvimento são aqueles que apresentam alterações qualitativas das interações sociais recíprocas e na comunicação, um repertório de interesses e atividades restrito, estereotipado e repetitivo. Incluem-se nesse grupo alunos com autismo, síndromes do espectro do autismo e psicose infantil. (BRASIL, 2008, p. 15).

O espectro autista leva as crianças a desenvolverem algumas limitações, necessitando de um apoio pedagógico especial, justificando a existência dos processos inclusivos para serem inseridos nas classes regulares de ensino e acessar a educação com os demais alunos. A inclusão escolar é consistida em uma prática que assegura todos os alunos as iguais oportunidades de aprendizado, independente de suas limitações, cabendo as instituições a adaptação de seus modelos de ensino. De acordo com Fácion (2009, p. 67), “a inclusão de alunos com necessidades especiais que apresentam autismo, deve ser realizada de modo criterioso e bem orientado, que vai variar de acordo com as possibilidades individuais de cada indivíduo”.

Nesse sentido, o corpo docente deve procurar capacitação para auxiliar na sua gestão e, assim, prepará-los para receber crianças e jovens previstos pela legislação da educação especial. Por isso, os professores, ao realizarem sua capacitação, estão oferecendo aos alunos com necessidades especiais, em especial o aluno com TEA, um ensino aprendizado de qualidade. Ao argumentar sobre inclusão dos alunos com autismo, procura-se compreender como nós, educadores, podemos lidar com esses alunos. E ao deparar com esse aluno em sala de aula devemos pensar o quanto é importante um trabalho coletivo entre os profissionais que atendem o aluno, tanto na escola como fora dela. Como também é essencial os professores procurarem capacitação sobre autismo (SCHMIDT, 2013, p. 22).

Desta forma, fica evidente que as limitações impostas ao indivíduo em decorrência do transtorno autista não o tornam menos capaz, com o professor devendo apenas desenvolver as atividades em sala de aula tendo em vista o objetivo de superar esses obstáculos impostos pelo transtorno. Para Fácion (2009), o atendimento educacional de alunos autistas reflete sobre a necessidade de formação adequada para atendê-los, mas infelizmente muitos alunos autistas têm enfrentado dificuldades ao adentrarem no ensino regular.

Por outro lado, se forem submetidos aos estímulos corretos, os alunos com TEA possuem enormes potenciais de aprendizado, assim, podem ser incluídos aos demais alunos, podendo usufruir dos benefícios da inclusão no es-

paço escolar. As crianças com TEA possuem capacidade de aprender, porém, o fazem de maneira diferente do convencional. Gaiato (2018, p. 12) “entender as dificuldades que cada criança traz consigo e ensiná-la a partir disso é o maior desafio de um educador, que pode fazer uma diferença incrível na vida de uma criança com autismo”.

É interessante que os educadores planejem aulas interessantes, agradáveis, que “prendam” a atenção dos alunos, em especial do aluno com autismo, e assim consigam eliminar as barreiras para a aprendizagem. Para questionar sobre esse assunto, menciona-se “barreiras existem para todos, mas alguns requerem ajuda e apoio para seu enfrentamento e superação...”. Esses empecilhos na educação ocorrem e, às vezes, parecem ser impossíveis de superá-los, mas com um trabalho coletivo dos profissionais na escola é possível vencê-los. Para isso, é preciso investigar estímulos, assuntos que o aluno goste e também conhecer o que ele já sabe. Ou seja, é importante o professor trabalhar interesses da turma, adequando o conteúdo de acordo com as necessidades e potencialidades de cada aluno da turma, pois favorece positivamente a inclusão do aluno com autismo, já que esses procedimentos são primordiais para a participação, aprendizagem e presença desse aluno em sala de aula. (CARVALHO, 2009, p. 60).

A necessidade de adaptações sobre o currículo escolar aos alunos autistas é evidente por meio da Lei de Diretrizes e Bases, Lei nº 9 934/96 em seu Art. 59 que defende “Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais: I – currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específica, para atender às suas necessidades”. Desta forma, as adaptações curriculares necessárias para atender as necessidades dos alunos autistas deve ser inserida no processo de elaboração das aulas.

III – flexibilidade e adaptações curriculares que considerem o significado prático e instrumental dos conteúdos básicos, metodologias de ensino e recursos didáticos diferenciados e processos de avaliação adequados ao desenvolvimento dos alunos que apresentam necessidades educacionais especiais, em consonância com o projeto pedagógica da escola respeitada a frequência obrigatória. (BRASIL, 2001, Art. 8º).

O aluno com TEA assume uma grande importância para a escola, pois, através dele os demais alunos bem como professores, gestores e demais pro-

fissionais aprenderem a conviver com as diferenças, poderão conhecer as especificidades dos alunos autistas. A inclusão de alunos autistas no ensino regular atualmente representa um elemento indispensável, o que fica evidente pelo grande número de documentos que enfatizam o assunto.

Desta forma, percebe-se a necessidade de o professor buscar potencializar as habilidades das crianças autistas, realizando adequações sobre o currículo da escola, com a finalidade de desmitificar preconceitos e rótulos impostos, compreendendo assim que todas as pessoas possuem algum potencial e valorizá-lo enquanto ser humano. Somente por meio da convivência, aceitação e reconstrução é possível ofertar uma escola inclusiva aos alunos autistas.

Conclusão

Chegando ao fim da realização do presente artigo, cabe a ênfase de alguns apontamentos, com o primeiro sendo o dever da escola de assegurar o direito de igual acesso a educação a seus alunos, compreendendo assim a necessidade de reformular suas formas de abordagem afim de atender de forma efetiva os alunos que possuem autismo. Fica claro a necessidade de reformulação nos sistemas educacionais, sendo necessário abandonar certos paradigmas e adotar uma postura inclusiva por meio de metodologias que os alunos venham a se identificar.

Cabe ainda mencionar os grandes avanços em termos inclusão alcançados nas últimas décadas com este processo se mostrando ser o caminho mais eficiente para garantir uma aprendizagem a todos independente de suas limitações. É verificado que a inclusão ainda se consiste em um problema social, apesar dos notórios avanços durante os anos, percebe-se que muitos docentes apresentam ainda muitas dificuldades em adequar suas metodologias de forma a incluir, necessitando de apoio e estratégias de capacitação para efetivar esse ato.

Por fim, fica evidente que pontos importantes foram abordados no decorrer da elaboração do presente artigo, as quais elevam as contribuições de práticas inclusivas no espaço escolar, deixando claro que a inclusão é um direito garantido por lei, cabendo a escola adequar seus espaços, preparar seus profissionais e demais estudantes, para o exercício cidadão da inclusão, contribuindo assim para uma sociedade mais justa e solidária.

Referências

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em: 09 fev. 2023.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** 1999. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/serie4.pdf> Acesso em: 09 fev. 2023.

BRASIL. **LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm Acesso em: 09 fev. 2023.

BRANDE, Carla Andréa; ZANFELICE, Camila Cilene. **A inclusão escolar de um aluno com autismo: diferentes tempos de escuta, intervenção e aprendizagens.** Revista Educação Especial. Santa Maria, 2012.

CAVACO, Nora. **Autismo: O Que Precisamos Saber?** Wak Editora, Rio de Janeiro, 2020.

KLIN, A. **Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral.** Rev. Bras. Psiquiatria. São Paulo, 2017.

KUBASKI, C. **A inclusão de alunos com transtorno do espectro do autismo na perspectiva de seus professores: estudo de caso em quatro escolas do município de Santa Maria/RS.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2014.

SMITH, Deborah D. **Introdução à Educação Especial: Ensinar em Tempos de Inclusão.** Porto Alegre, 2008.

SCHMIDT, C. (Org.). **Autismo: educação e transdisciplinariedade**. Campinas, Papirus, São Paulo, 2013.

ZANIOLLO, Leandro Osni; DALL'ACQUA, Maria Júlia C. **Inclusão escolar: pesquisando políticas, formação de professores e práticas pedagógicas**. Jundiaí, 2014.

CARVALHO, R.E. **Removendo Barreiras para a Aprendizagem - Educação Inclusiva**. Saraiva, 8.ed. São Paulo, 2009.

CAPÍTULO 2

O PAPEL DO ENSINO DA ARTE NA SOCIEDADE E COMO ALIAR A MÚSICA A OUTRAS ÁREAS ARTÍSTICAS

Hassan Pereira Jalil

Doi: 10.48209/978-65-5417-096-2

Resumo: O presente artigo tem como objetivo observar o ensino de música integrada a outras áreas da Arte, isto é, dança, artes visuais e teatro. Para tanto, discutiremos o que é a Arte para a sociedade e para o mundo, entendendo seu lugar nos dias atuais, seu papel na sociedade e na escola, apontando, também, o papel do educador neste contexto.

Palavras-Chave: Música, Arte, Ensino, Sociedade, Professor.

Introdução

A educação musical, hoje, é abrangente. Percebe-se que integrar atividades de diversas áreas da Arte pode ser benéfico a ciclos de ensino-aprendizagem. Para isso, observaremos a concepção da Arte, segundo Luigi Pareyson, como fazer conhecer e exprimir.

Trilhando o caminho da música na escola, traremos a linguagem musical e, fundamentados Takasu (2016), observaremos que o ensino de música se torna muito mais atraente e oferece mais qualidade quando é aliado a dança, artes visuais e teatro.

Pensando no papel da Arte na sociedade, Prosser (2009) nos traz informações encarando-a como processo interdisciplinar, social e área de conhecimento.

Fez-se necessário observar o papel do professor no uso de atividades artísticas no processo do crescimento, do aprendizado, das relações humanas, da inteligência e também no desenvolvimento racional como precisão social. Desta forma, entenderemos a Arte como um mecanismo de grande importância para a formação do educando como pessoa em seu ínfimo e como cidadão para o mundo.

Partindo de uma Definição de Arte

Deve-se levar em conta o quanto pode ser abrangente e discutível a definição do que é Arte. Subjetiva-se ao considerar a variedade cultural, de tempo e referências do que é, ou não, entendido como artístico. Mesmo de inspiração ou técnico, titular algo ou alguma coisa como Arte pode variar entre diferentes indivíduos, pois desde o que significa ou é artístico até o que pode

ser considerado belo, isto ainda considerando que, para alguns, arte é somente o belo ou aceitável socialmente, pode e variará em dependência de cada sujeito que realiza ou contempla.

Sabe-se que a Arte se transforma com o mundo e o mundo se transforma com a Arte. Por meio de períodos temporais, observamos, entendemos e traduzimos séculos de história, seus povos, políticas, crenças e sentimentos por meio de expressões e heranças artísticas.

Dentre importantes acepções de arte, dispomos, segundo Luigi Pareyson, de três; primeiramente a arte concebida como fazer, então, como conhecer e, por fim, como exprimir.

Todavia, o autor faz notar que “estas diversas concepções ora se contrapõem e se excluem umas às outras, ora, pelo contrário, aliam-se e se combinam de várias maneiras” (FERRAZ; FUSARI, 2009, p. 102).

Tradando-se a arte como fazer, a entendemos como técnica, manual, executável.

Já a arte “como conhecimento, visão, contemplação”, entende-a “ora como a forma suprema, ora com a forma ínfima do conhecimento, mas, em todo caso, como visão da realidade: ou da realidade sensível na sua plena evidência, ou de uma realidade metafísica superior e mais verdadeira, ou de uma realidade espiritual mais íntima, profunda e emblemática”

Decorrente do Romantismo, o entendimento de arte como exprimir, nos diz que “a beleza da arte” reside “não na adequação a um modelo ou a um cânone externo de beleza, mas na beleza da expressão, isto é, na íntima coerência das figuras artísticas com o sentimento que as anima e suscita” (*ibid.*, p. 102).

Os diversos entendimentos de arte como expressão se avultaram e se aperfeiçoaram com o passar do tempo. Hoje, a ideia atual de arte está presente nas achegas da Sociologia, da Antropologia e da Filosofia.

A Musicalidade na Escola

Para Takatsu (2016), se entende por linguagem musical, a comunicação – expressão e o entendimento – por meio da música. Esta, traz benefícios à formação do aluno se, por exemplo, utilizar duas de relevantes formas do fazer arte, isto é, o canto e a dança.

Começando pelo canto no ambiente escolar, podemos observar vantagens como a melhora na qualidade de vida da criança – ou mesmo de um adulto –, visto que há benefícios na maneira em que nos sentimos ao desenvolver esta atividade, como a viabilidade de aumentar a intensidade da voz, ser aceito, ouvido e reconhecido por seu desenvolvimento. Há, também fatores mais pontuais na fisiologia que devem ser levados em grande importância, pois o canto ocasiona a respiração mais profunda, trazendo benefícios para o intestino e o coração. Também melhora a circulação sanguínea, a atividade das funções cognitivas, como a memória e a concentração. Seguem-se as vantagens da atividade de canto, observando que esta tem a competência para mudar o humor de uma pessoa, diminui a chance de estresse por ser uma atividade relaxante, melhora o sistema imunológico e ajuda para uma harmonização psíquica.

A música aliada a outras áreas da arte

A dança, por sua vez, tão vantajosa para o desenvolvimento da criança, também segue a linha de benefícios e qualidade de vida, pois desenvolve a pessoa em diversos campos. Sabe-se que crianças adoram atividades que envolvem atividades de dança. Esta pode ser abundantemente estimulada desde

os primeiros anos da Educação Infantil. Embora crianças tenham dificuldades de gravar passos e entendam a dança como um momento de diversão, a repetição dos passos trará mais refinamento aos movimentos e os conteúdos serão bem fixados. A dança auxilia na descoberta da utilização do próprio corpo, ações corpóreas que dificilmente os educandos desenvolveriam no seu cotidiano. Auxilia no desenvolvimento da coordenação motora e traz atenção às atividades.

Quando aliamos a música à dança, as aulas se tornam divertidas, prazerosas e interessantes, permitindo à criança que expresse-se, interiorize conteúdos sobre expressão corporal, trabalho em grupo, aprenda sobre a natureza e, inclusive, desenvolvimentos no setor matemático.

A simples tentativa de reproduzir uma música pode não ser tão interessante quanto desenvolvê-la com o auxílio da espontaneidade e a liberdade que a dança pode oferecer. Para o professor, movimentos corporais coordenados, mas livres para expressão, podem trazer benefícios para o entendimento da própria música utilizada em aula e, juntamente, no trabalho de melhora da coordenação motora. Podemos citar, inclusive, o fato de existirem turmas mais agitadas, onde atividades rítmicas com a utilização de expressão corporal podem trazer mais calma, devido às vantagens antiestresse e o alívio da agitação. Atividades como esta são boas opções para iniciar uma aula, pois após isto, a turma ficará mais calma, oportunizando atividades mais amenas.

Compreende-se a importância da utilização de outras áreas artísticas nas aulas de música. Dança, teatro e artes visuais auxiliam para o desenvolvimento da qualidade da aprendizagem musical. As artes, mesmo que entendidas hoje separadamente no contexto de formação do educador, trazem mais qualidade quando trabalhadas juntas numa relação rizomática deleuze-guattariana que, dizem os autores:

O rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza; ele põe em jogo regimes de signos muito diferentes, inclusive estados de não signos. (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 43)

Como exemplo, podemos citar a realização de uma atividade de apreciação musical que, após a audição da obra, o educador propõe que os alunos façam desenhos sobre o que sentiram ou entenderam da peça musical apresentada. Pode-se, também, incentivar a turma a criar pequenas esquetes de teatro ou mesmo coreografias baseadas na composição. Unidas, as artes oferecem incontáveis possibilidades, estas, utilizadas de maneiras diferentes, são capazes de atrair o aluno e fazer a experiência musical mais prazerosa e memorável.

A cultura brasileira na escola dos dias atuais

Dentre tantos desafios enfrentados pelo professor de música ou de artes, vem o de apresentar o folclore brasileiro. Este que, nas gerações atuais é um pouco esquecido, visto a influência de sucessos modernos que transcendem fronteiras e idiomas. O educador deve buscar formas de inserir em suas aulas itens da cultura brasileira, tão rica em detalhes e propriedades. Pode-se por exemplo, trabalhar música e costumes em épocas de festas juninas ou carnaval. A riqueza musical genuinamente brasileira destas duas festas pode ser atraente e se faz necessária para que o aluno entenda a cultura do próprio país.

A vivência musical no ambiente escolar é capaz de oferecer novas e inesquecíveis experiências. Há muitas formas de trabalho, ainda mais quando se faz uso de outras manifestações artísticas para o desenvolvimento do aluno. Ao professor cabe, sempre, inovar, buscar interesse e transformar as aulas de música em momentos de riqueza cultural, liberdade e aprendizado.

Toda criança tem sua musicalidade e, quando incentivada, se desenvolve em várias áreas de todo o seu ser, para si e para o mundo.

O Papel da Arte na Sociedade

Prosser (2009) nos traz informações sobre o papel da Arte na sociedade e como desenvolvê-la no ambiente de aprendizagem. Assim, observaremos o papel da Arte como processo interdisciplinar, social e área de conhecimento.

Sabe-se que a Arte faz-se presente em todos os momentos da vida, seja em casa por meio da televisão, do rádio, de quadros, ou mesmo em objetos em que sua presença passa despercebida, como em uma xícara, uma caneta, ou mesmo, na cor de uma parede.

Cada pessoa enxerga a mesma coisa à sua maneira, pois a Arte é construída por meio de formas e ligações que somente são interpretadas conforme as vivências de cada indivíduo. Quando uma criança canta ou desenha, por exemplo, ela está utilizando um meio artístico para expressar o que lhe causa interesse ou que lhe trouxe significado. A Arte propicia à criança conhecer a si em suas capacidades e limitações, pois a prática artística é capaz de colaborar na construção de autoconhecimento, autocrítica e autoconfiança.

O ensino de arte e o papel do professor

É tarefa do professor fazer uso de atividades artísticas no processo do crescimento, do aprendizado, das relações humanas e da inteligência e, também, no desenvolvimento racional como precisão social. A arte, dentre suas inúmeras possibilidades, torna-se um mecanismo psicopedagógico, algo fortalecedor no currículo e grande aliada no processo de ensino-aprendizagem.

É por meio de atividades artísticas, como cantar, dançar ou pintar – estas que, para o professor terão mais finalidades do que sua pura realização, como desenvolvimentos específicos – que o educando terá oportunidade de

desenvolver-se, descobrir-se e aprender, além de utilizar formas de expressão do que já era conhecido e do novo. É pela Arte, também, que o professor é capaz de dar ao aluno vivências de conceitos éticos fundamentais, muito disso em atividades em grupo, trazendo oportunidades de socialização, crítica, tolerância, cooperação e outros.

Neste aspecto, pode-se afirmar que a Arte é um mecanismo de grande importância para a formação do educando como pessoa em seu íntimo e como cidadão para o mundo. Assim, sabe-se que a partir do momento em que a Arte for bem aproveitada - entende-se como levada realmente a sério – em escolas, associações e comunidades, estas terão, certamente, a diminuição da violência, por exemplo, e terão formas de mudar a própria realidade.

A Arte extrai do ser humano a sua verdade, trazendo à tona suas emoções, opiniões, visões, pensamentos, sentimentos, fraquezas, sonhos e medos. Por meio da experimentação e da manipulação das inúmeras linguagens artísticas, o educando é capaz de desenvolver-se e de expressar-se. O educador, por sua vez, deve ajudar o aluno a construir sua própria linguagem artística, jamais corrigindo, mas indagando seus significados e motivos, sugerindo e apontando formas de chegar aos caminhos que o próprio educando virá a descobrir.

Além de manifestação de sentimentos e vivências e agente de desenvolvimento cognitivo e social, a Arte também implica em área de conhecimento, isto é, desenvolve habilidade por meio de técnicas específicas, domínios de atividades, materiais e instrumentos. Neste âmbito, o educador passa a ser um facilitador da experiência rumo à expressão própria do aluno, entregando possibilidades de produtos e suas linguagens.

Podemos entender a Arte como agente de desenvolvimento humano e social, capaz de mudar a realidade de uma comunidade, cidade ou país. Vê-se

verdade nisso quando observamos atividades em massa como manifestações populares, paradas patrióticas, atividades religiosas, conferências empresariais, etc. Todos estes, entre inúmeros exemplos, trazem a arte como agente de grande importância em suas atividades, seja para expressar ideias, ou mesmo, encorajar ou encantar pessoas sobre seus objetivos. A Arte é fator fundamental no mundo, pois desde que nascemos ela nos ensina, age no modo de cada um de pensar, ser e fazer.

O educador é o agente capaz de transformar a realidade em que o educando está inserido, garantindo possibilidades de expressão, reflexão e realização de sentimentos e novas possibilidades. A Arte transforma o indivíduo por dentro e, de pessoa por pessoa, transforma a todos, ou seja, aos que fazem Arte e aos que contemplam.

Considerações Finais

A educação musical é agente de força para mudar de realidade social em que está inserida. Seja por meio de música, artes visuais, dança ou teatro, a Arte, em seu vasto território¹ de possibilidades, traz meios para manifestação e expressão de sentimentos, e vivências e, sendo área de conhecimento, desperta e desenvolve habilidades por meio de técnicas próprias e domínios de materiais e instrumentos.

É pela educação por meio da Arte que o educador encontra a possibilidade de desenvolver o educando na área de conceitos éticos fundamentais, trazendo oportunidades de socialização, crítica, cooperação e tolerância.

¹ “O território é primeiramente a distância crítica entre dois seres da mesma espécie: marcar suas distâncias. O que é meu é primeiramente minha distância; não possuo senão distâncias.” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 134)

Referências

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **Mil Platôs**. Trad. Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. 2 ed. São Paulo: Editora34, 2011, v.1.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **Mil Platôs**. Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira e Suely Rolnik. 2 ed. São Paulo: Editora34, 2012, v.3.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **Mil Platôs**. Trad. Suely Rolnik. 2 ed. São Paulo: Editora34, 2012, v.4.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **Mil Platôs**. Trad. Peter Pal Pelbrt e Janice Caiafa. 2 ed. São Paulo: Editora34, 2012, v.5.

PROSSER, E. S. **Ensino de Artes**. Curitiba : IESDE Brasil S.A. , 2009

TAKATSU, M. M. **Arte, educação e música** [recurso eletrônico] / Cengage Learning Edições Ltda. – São Paulo, SP : Cengage, 2016.

FERRAZ, M. H. C. De T. FUSARI, M. F. R. **Arte na educação escolar**. São Paulo. Cortez, 2009.

CAPÍTULO 3

AS TECNOLOGIAS NO ENSINO: VIVÊNCIA A PARTIR DO PROJETO DE EXTENSÃO DO CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS DO CENTRO DE EDUCAÇÃO ABERTA E A DISTÂNCIA DA UFPI

Alceane Bezerra Feitosa

Doi: 10.48209/978-65-5417-096-0

Introdução

O objetivo geral deste Relato de Experiência é apresentar as atividades realizadas no Projeto de Extensão *As Mídias e o Ensino de Língua Portuguesa*, no Polo de Uruçuí e *As Tecnologias da Informação e Comunicação no Ensino*, em Simões, ofertados pelo curso de letras-português do Centro de Educação Aberta e a Distância da Universidade Federal do Piauí.

Caracterização dos Participantes do Projeto

Os dois projetos, nos dois polos em que fiquei responsável: polo de Uruçuí-PI e de Simões-PI como orientador totalizaram aproximadamente 60 alunos no seu início.

Como os alunos já haviam participado, em semestres anteriores, de outros projetos, percebi um maior interesse diante deste novo curso de extensão. Inclusive foi notório o domínio das ferramentas digitais utilizadas para o desenvolvimento das atividades propostas pelos projetos.

Embora no início do curso os participantes terem se colocado presentes nas atividades propostas, com o passar do tempo, foi possível perceber que muitos foram desistindo de realizar as atividades, o que levou à exclusão de muitos dos participantes.

Alguns deles alegaram como um dos principais determinantes para a não realização das atividades propostas e, conseqüentemente a exclusão do curso, a sobrecarga das disciplinas regulares do curso, assim como o descuido no tocante aos prazos de envio das atividades na Plataforma Moodle. No entanto, ao final deste curso, nos dois polos, ainda contamos com aproximadamente 42 participantes. É válido destacar que as desistências não ocorreram todas de uma única vez. Esse processo deu-se em decorrência de todo o semestre.

Cada um dos cursos era composto por três unidades, formada por uma atividade escrita e um fórum de discussão, somente a última atividade era necessário a produção de um vídeo para ser postado na plataforma. Assim, a cada unidade não respondida pelo participante, a sua vinculação do curso era desfeita.

No tocante à interação, observou-se que os participantes do curso interagiram bastante nos fóruns de discussão, dentro da plataforma, bem como por outros meios digitais para tirar dúvidas relativas às atividades e procedimentos de leitura. Os outros meios usados para a discussão das atividades foram o e-mail e o WhatsApp.

A minha maior motivação em participar dos dois projetos foi a de poder trabalhar com a perspectiva digital, onde pude ter contato com as teorias de estudos da linguagem associadas às tecnologias. Além disso, poder aprender como as tecnologias digitais podem ser aplicadas no ensino, algo que até então para mim apresentava-se como algo um tanto quanto distante.

Fundamentação Teórica

Nesta seção, discutirei, de forma específica, as tecnologias relacionadas ao ensino. Para tal intento, tomarei como base os estudos de Ribeiro (2011), Lévy (1994), Moran (2000), Perrenoud (2000), Coscarelli (2011), Moraes (2006), Kenski (2006), Grinspun (1999), Valente (1991).

A inserção das tecnologias digitais tem gerado grandes e rápidas mudanças dentro da sociedade, modificando o modo como a sociedade se comunica, aprende e ensina. A escola por fazer parte da sociedade não poderia ficar de fora dessas mudanças, o que acarreta a necessidade de adaptações para que se possa ensinar com qualidade os alunos. Essa ideia leva Ribeiro (2011) afirmar que vivemos em uma dependência total da máquina e da tecnologia para a nossa sobrevivência.

Portanto, pode-se entender que as tecnologias digitais são algo intrínseco à sociedade, sendo um elemento interligado tanto à formação quanto à construção dos sujeitos dentro da sociedade, o que corrobora com a ideia de que as

tecnologias digitais fazem parte do contexto social dos sujeitos não como algo que está fora, mas como parte de um todo no qual os indivíduos criam, recriam e se beneficiam da sua própria realização, bem como das mais variadas tecnologias que são colocadas à disposição da sociedade (GRINSPUN, 1999).

Para Coscarerelli (2011), as tecnologias digitais estão cada vez mais acessíveis à população, diferentemente de tempos atrás, onde apenas uma pequena parcela da sociedade tinha acesso. Por essa razão, essa estudiosa evidencia que as tecnologias devem adentrar as salas de aulas nos mais variados contextos e disciplinas. Nessa esteira, Moraes (2006) afirma que é necessário:

(...) uma educação voltada para a humanização, a instrumentalização e a transcendência. Uma proposta educacional centrada na pessoa, que compreenda a importância do pensar crítico e criativo, que seja capaz de integrar as colaborações das inteligências humanas e da inteligência da máquina, no entanto, o homem e/ou a mulher é capaz de transcender e criar. (MORAES, 2006, p. 18).

Diversos conceitos da esfera digital, na sua maioria, não são desconhecidos pelos alunos de nossas escolas, tais como letramentos digitais e hipertexto, no entanto, Coscarelli (2011) se questiona como esses conhecimentos são tratados em nossas salas de aula, principalmente nas aulas de Língua Portuguesa. É importante, ainda segundo Coscarelli (2011) questionar-se se estamos conseguindo usar as tecnologias e aplicar conceitos que já são de conhecimento dos alunos, para que esses se tornem leitores e produtores de textos nos mais variados contextos.

No entendimento de Lévy (1994), o uso das tecnologias digitais proporciona a produção e formalização do conhecimento, o que produz a ideia de que é por meio das tecnologias que todo e qualquer conhecimento é produzido e divulgado para a sociedade. Dentro dessa perspectiva, acrescentamos a noção de que se a escola não estiver adaptada às tecnologias digitais, incorrem o risco

de não estarem nem produzindo conhecimento nem conseguindo levar o conhecimento aos alunos, esse último aspecto mais preocupante.

Diante dessa noção, os sujeitos escolares devem estar relacionados às mídias digitais para que se possa ter uma aprendizagem ampla e significativa. Tal relação, infelizmente, não depende apenas dos professores, depende, em sua maioria do esforço de todas as esferas educacionais, tais como governo federal, estadual, municipal e suas respectivas secretarias educacionais.

Sobre a importância da relação da educação com as tecnologias digitais, Ribeiro (2011) destaca que:

A tecnologia não pode estar dissociada da educação: ela é parte integrante do processo educativo e não deve ser tratada isoladamente. Além disso, a tecnologia deverá estar presente não como apêndice, mas como realidade que não pode ser ignorada ou desconhecida, da forma mais humana possível. (RIBEIRO, 2011, p. 91).

Ribeiro destaca na passagem acima algo muito interessante, o fato de que o uso das tecnologias dentro da escola não pode ser utilizada de forma descontextualizada, portanto, a tecnologia deve estar atrelada à realidade do aluno. Para que isso seja possível, é necessário que o uso das tecnologias seja associada a atividades que façam sentido para a vida dos educandos.

Então, pensar educação atualmente pressupõe que os alunos devem tornar-se seres autônomos e críticos, bem informados, cooperativos e colaborativos e isso pode ser proporcionado pelo uso das tecnologias dentro das salas de aula do Brasil.

Por isso, deve-se entender que, ao se pensar o processo pedagógico que tenha a tecnologia como pano de fundo é necessário entender que a centralidade do processo deve ser sempre os sujeitos envolvidos. Assim, Ribeiro (2011, p. 94) evidencia que “é preciso ver primeiro as potencialidades do indivíduo; a

máquina é apenas um instrumento”, o que leva à conclusão de que a tecnologia só tem validade se for subordinada aos sujeitos que dela fazem uso. Dessa maneira, Ribeiro (2011) coloca que:

É preciso um olhar para além da técnica, verificando-se o sujeito com seus anseios, sua existência, suas potencialidades e seus problemas; e, diante disso, reconhecer a tecnologia enquanto saber importante e que está a serviço do homem para o entendimento de suas necessidades. (RIBEIRO, 2011, p. 94).

Por essa razão, para Moran (2000), ensinar tendo as mídias digitais como pano de fundo é uma revolução, pois, para esse autor, será possível trazer o aluno para o centro do processo de ensino-aprendizagem, sem mexer no que é essencial que são os conteúdos de ensino. O mesmo autor segue afirmando que ter a tecnologia disponível na escola não significa necessariamente ter garantia de qualidade na educação.

Na mesma perspectiva, Perrenoud (2000) aponta que:

A verdadeira incógnita é saber se os professores irão apossar-se das tecnologias como um auxílio ao ensino, para dar aulas cada vez mais bem ilustradas por apresentações multimídia, ou para mudar de paradigma e concentrar-se na criação, na gestão e na regulação de situações de aprendizagem. (PERRENOUD, 2000, p.138).

A importância das tecnologias atreladas ao ensino também é discutida pelos documentos oficiais, dentre eles os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM), os quais destacam que as tecnologias da comunicação e da informação devem permear o currículo e as disciplinas, de modo igual, os Parâmetros Nacionais Curriculares (1998) aponta que:

É indiscutível a necessidade crescente do uso de computadores pelos alunos como instrumento de aprendizagem escolar, para que possam estar atualizados em relação às novas tecnologias da informação e se instrumentalizarem para as demandas sociais presentes e futuras. (PCNs, 1998, p.96).

As tecnologias de Informação e Comunicação, na visão de Kenski (2006, p. 23) são “caracterizadas como midiáticas, são, portanto, mais do que simples suportes”. Elas, segundo, Kenski (2006, p.18) “interferem em nosso modo de pensar, sentir, agir, de nos relacionarmos socialmente e adquirirmos conhecimentos. Criam uma nova cultura e um novo modelo de sociedade”.

Concluimos com a visão de Valente (1991), quando afirma que com a modificação da escola também se modificada o papel do professor e a forma como esse repassa seus conteúdos atrelados às tecnologias facilitando, com isso, o processo de ensino-aprendizagem.

Descrição da Experiência

Os dois projetos iniciaram concomitantemente no segundo semestre de 2019. No primeiro encontro programado para o projeto viajei a Simões, cidade situada a aproximadamente 460 quilômetros de distância da capital Teresina. Nesse primeiro encontro, apresentei o projeto aos alunos, explicando os detalhes do curso para, logo em seguida fazer as inscrições dos participantes que tivessem interesse em participar, uma vez que o projeto não era obrigatório, mas algo que foi pensado para que os alunos pudessem se familiarizar com as teorias educacionais relacionadas às tecnologias.

Esse mesmo processo também foi realizado no final de semana seguinte quando viajei a Uruçuí, cidade localizada a aproximadamente 470 quilômetros de Teresina, onde também expliquei o funcionamento do curso As Mídias e o Ensino de Língua Portuguesa.

Após as inscrições realizadas nos dois polos, encaminhamos via e-mail toda a documentação para o suporte técnico do projeto, o qual ficou encarregado de cadastrar todos os alunos interessados na plataforma moodle.

Em seguida, nós tutores fomos informados que os alunos foram inseridos na plataforma e que já poderiam começar a realização das leituras e das atividades propostas. Todos os textos e atividades foram inseridos previamente pela coordenação geral do projeto. É importante salientar que, cada texto inserido foi pensado para que os alunos pudessem realizar atividades e fóruns de discussão. Além de textos, a coordenação geral teve a preocupação de inserir vídeos de especialistas que abordam a relação tecnologia e ensino de língua portuguesa.

No tocante à estruturação das atividades na plataforma, as mesmas foram estruturadas em três unidades. Cada unidade era composta por uma atividade e um fórum de discussão. Para que o aluno conseguisse realizar a atividade da unidade, assim como responder ao fórum, foi disponibilizado um material de apoio específico para a realização das mesmas.

Ao passo que os alunos fossem respondendo as atividades deveriam anexar na plataforma para que fosse feita a correção (o não envio da atividade proposta na unidade acarretava a exclusão do participante). Quanto aos fóruns, foi disponibilizado, em cada unidade, um tópico de discussão, no qual era possível interagir a partir das respostas dos participantes.

Em meio às atividades na plataforma, foram realizadas duas oficinas (uma em cada polo) para discutir mídias específicas que fossem possíveis de serem aplicadas na educação básica. As duas mídias pensadas para a montagem das oficinas foram: o Google sala de aula (classroom) e o Pdcast.

Em Simões foi aplicada a oficina Classroom e em Uruçuí aplicamos o Pdcast. Em cada uma dessas oficinas abordamos primeiro o aspecto teórico para logo depois partirmos para a prática. Assim sendo, primeiramente explicamos a importâncias das mídias e das tecnologias no ensino, especificamente no ensino de Língua Portuguesa, para depois desse entendimento construirmos juntos tanto o Classroom quanto o Pdcast.

Para a realização desta parte prática, foi necessário o auxílio do polo de apoio presencial, os quais foram avisados com antecedência para que providenciassem uma sala específica equipada com computadores e internet para que fosse possível a concretização da oficina.

Diante disso, todos os alunos que participaram da oficina foram instigados a conhecer uma determinada mídia digital, assim como aprenderam a fazer uso, uma vez que na oficina ministrada cada aluno construiu a mídia propostas: Simões: classe virtual; Uruçuí, o Pdcast.

Em seguida foi solicitado aos alunos que construíssem projetos de intervenção que utilizassem alguma tecnologia para que fosse aplicado em alguma escola da educação básica dos seus respectivos municípios. Para isso, sugerimos que a partir dos estágios percebessem as principais dificuldades dos alunos no tocante à realização de atividade que tivessem como pano de fundo alguma tecnologia.

Para que os alunos do curso tivessem suporte tanto teórico quanto prático foram disponibilizados na plataforma diversos materiais que pudessem ajudá-los na construção dos projetos de intervenção. Logo após a definição da mídia e do conteúdo que seria explorado, foi dado um prazo para a construção do projeto, o qual deveria ser encaminhado por e-mail ao tutor responsável pela orientação.

Os projetos foram corrigidos, buscando aprimorar os aspectos metodológicos para que se tornasse exequível pelos alunos nas escolas da educação básica dos seus respectivos municípios. Encaminhados aos alunos, os projetos puderam ser adaptados, de acordo com as orientações feitas nas correções pelos tutores, para, por fim, serem executados.

Como finalização geral do projeto, foi solicitado que fosse realizado a produção de um relato de experiência, que descrevesse toda a trajetória dentro

do projeto de extensão, desde o seu início até o término, evidenciando as ações realizadas, tais como: atividades, fóruns, oficina, elaboração do projeto de intervenção e a própria experiência de construção do relato de experiência.

Avaliação dos Resultados

Diante de todas as ações desenvolvidas no projeto de extensão, quais sejam: atividades, fóruns, produção de projeto de intervenção, oficinas ministradas, bem como a própria construção deste Relato de Experiência, ressalto a grande relevância deste projeto tanto para os alunos beneficiados quanto para os tutores que tiveram a oportunidade de participar.

Para os alunos, a relevância consiste na oportunidade de conhecer teorias relacionadas às tecnologias, assim como as diversas maneiras que elas podem contribuir ao ensino de língua portuguesa, uma vez que, em muitos currículos dos cursos de letras, a perspectiva tecnológica não é incorporada, ou seja, muitos cursos de letras não possuem disciplinas que lidem diretamente com as tecnologias relacionadas ao ensino de língua, embora haja uma significativa produção que discute a temática, inclusive no Brasil.

A relevância do projeto, para mim, enquanto tutor está no fato de que pude realizar diversas leituras que sem a minha participação no projeto não seria possível. Além de ter podido observar na prática como essas teorias podem ser aplicadas com excelência na educação básica, algo que para mim, até então, colocava-se distante.

Além disso, a minha participação foi de suma importância, também, pelo fato de ter podido experimentar e, em alguns casos, ter aplicado aos meus alunos da educação básica da Rede Estadual de Educação do Estado do Piauí.

A minha visão antes do projeto em relação às tecnologias aplicadas ao ensino foi modificada. Antes, infelizmente, carregava a ideia de que não era possível levar a praticidade; ao final, pude perceber o quanto é possível utilizar as tecnologias da comunicação e da informação em nossa prática docente. No entanto, é importante observar as especificidades da nossa clientela. O que pode funcionar bem em uma turma, pode não surtir efeito desejado em outra. Cabe a nós professores observarmos determinadas especificidades e buscar as melhores tecnologias para nos auxiliar no processo de ensino.

Considerações Finais

O projeto pode ser considerado uma grande conquista para todos nós que tivemos a oportunidade de participar, pois além do conhecimento adquirido durante a participação nas atividades, fórum de discussão, oficinas, correção de Relatos de Experiência, assim como a produção deste relato, pudemos conhecer, de perto, a realidade dos alunos da educação à distância e, conseqüentemente, da região na qual estão inseridos para podermos direcionar os conteúdos à realidade da qual fazem parte.

Por fim, é importante registrar que a utilização dos mecanismos tecnológicos no ensino se faz cada vez mais essencial e necessário em nossa sociedade uma vez que, na atualidade, torna-se até inviável pensar o ensino, seja qual for o nível, sem o uso das ferramentas tecnológicas e midiáticas.

Referências

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COSCARELLI, C.V. Alfabetização e letramento digital. In: COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, A. E (Org). Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

GRINSPUN, M. P. S. Z. Educação tecnológica: desafios e perspectivas. São Paulo: Cortez, 1999.

KENSKI, V. M. Tecnologias e ensino presencial e a distância. 4. ed. São Paulo: Papirus. 2006.

LÉVY. P. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

MORAN, J. M. Ensino e Aprendizagem inovadores com tecnologias auditivas e temáticas. In: MORAN, J. M; MASETTO, M. T e BEHRENS, M. As novas tecnologias e mediação pedagógica. 1 ed. São Paulo: Papirus, 2000.

MORAN, J. M. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. Novas tecnologias e mediação pedagógica. 12. ed. Campinas, SP: Papirus, 2006.

PERRENOUD, Philippe. 10 novas competências para ensinar. Porto Alegre: Artmed, 2000.

RIBEIRO, A. E. Ler na tela: letramento e novos suportes de leitura e escrita. In: COSCARELLI, C. V; RIBEIRO, A. E (Org). Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

VALENTE, J. A. Liberando a mente: computadores na educação especial. Campinas, UNICAMP, 1991.

CAPÍTULO 4

RELATO DE EXPERIÊNCIA: SENSIBILIZAÇÃO DE UMA COMUNIDADE ESCOLAR NA BAHIA SOBRE MEIO AMBIENTE E SUA IMPORTÂNCIA PARA PRESERVAÇÃO DA VIDA

Marcos de Oliveira Silva

Cláudia Santos Pereira

Doi: 10.48209/978-65-5417-096-4

Introdução

Este trabalho é um relato de experiência de uma intervenção no formato Evento/Campanha de extensão realizado com sujeitos que integram tanto a comunidade externa quanto interna ao Instituto Federal de Educação, Ciência

e Tecnologia da Bahia (IFBA), campus Euclides da Cunha. O referido evento, tendo a participação de docentes e estudantes do Curso do Ensino Médio/Técnico Integrado e Informática no seu processo de elaboração, ocorreu na primeira semana de junho de 2022 em alusão ao Dia Internacional do Meio Ambiente cujo título foi: Meio Ambiente (em)Cena. O objetivo foi criar um espaço de diálogo, reflexão e debate sobre as questões que envolvem o Meio Ambiente dentro do processo educacional formal entre a comunidade interna e externa à instituição.

Consideramos no desenvolvimento desta proposta a ideia de educação ambiental crítica como a que defende o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global em que afirma que para uma sustentabilidade equitativa, a educação ambiental deve ser entendida enquanto um processo de aprendizagem permanente, baseado no respeito a todas as formas de vida. Esta visão ecológica da educação de acordo com Programa Nacional de Educação Ambiental (2005), estimula a formação de sociedades socialmente justas e ecologicamente equilibradas, na medida em que estabelece uma relação de interdependência e diversidade, o que requer responsabilidade individual e coletiva em nível local, nacional e planetário.

A discussão sobre o Meio Ambiente faz parte dos temas transversais que estão na Base Nacional Comum Curricular - BNCC. Nesse sentido, as discussões que versam sobre essa temática não são só necessárias, mas urgentes, diante dos problemas que estamos enfrentando na atualidade, como aumento das temperaturas, descarte inadequado do lixo, poluição, degradação do solo, entre outros.

Por isso, se faz necessário um espaço não somente pontual como principalmente contínuo para estabelecer um diálogo com tal temática. Freire (1987) aponta que esse diálogo é fundamental para construção da autonomia dos sujei-

tos envolvidos no ato educativo. Sendo a palavra, que é instrumento deste processo, é o início da comunicação, ou seja, do diálogo. Neste sentido, a palavra que abre a consciência dos sujeitos para a realidade sociambiental, é o princípio da libertação para compreensão e mudança colaborativa no sentido da transformação da sociedade, sendo que esta contribui para mudanças de atitudes e comportamento com a finalidade de conservação do meio ambiente.

A Constituição Federal de 1988 enfatiza no Art. 225 que:

Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações (BRASIL, 1988).

Percebe-se assim, que tanto o artigo acima quanto a ideia de uma educação ambiental emancipatória se liga a ideia de realização do evento, o qual surgiu de uma necessidade verificada a partir dos diálogos realizados entre professores e estudantes no âmbito do componente curricular PPA (Prática Profissional Articuladora) do 2º ano do Ensino Médio/Técnico de Informática. Esse componente curricular, de acordo com o Projeto Pedagógico do Curso (PPC), visa “agregar conhecimentos por meio da integração entre as disciplinas do curso, resgatando assim, conhecimentos e habilidades adquiridos na formação básica” (IFBA, 2016, p. 20). O componente contempla uma carga horária de 240h distribuídas igualmente nos três anos do Ensino Médio. Especificamente no 2º ano, se direciona à elaboração por parte dos alunos de projetos relacionados ao Meio Ambiente e Tecnologia. Em cada turma, são formados grupos que de forma autônoma, sob orientação dos docentes, escolhem um subtema para ao longo do ano letivo elaborarem pesquisa e posteriormente um produto.

Diante das demandas surgidas, os estudantes sentiram a necessidade de conhecer melhor os sujeitos que desenvolvem ações de sustentabilidade am-

biental nos municípios que integram o Território de Identidade Nordeste II onde se localiza o campus Euclides da Cunha do IFBA. Esse Território de Identidade se localiza-se na região semiárida da Bahia e possui população de 407,9 mil habitantes. A extensão total é de 16,3 mil quilômetros quadrados, sendo composto por 18 municípios dos quais os municípios de Euclides da Cunha e Ribeira do Pombal se destacam como sendo os mais dinâmicos em termos comerciais.

Neste sentido, a fim de avançarem no desenvolvimento das pesquisas no âmbito da disciplina de PPA, os estudantes buscavam com a realização do evento responder as seguintes indagações: No Território de Identidade Semiárido Nordeste II, onde o campus Euclides da Cunha do IFBA está situado, quais são os projetos voltados a sustentabilidade ambiental e quem são os sujeitos que o realizam? Há algum projeto, cooperativas, organização que estão envolvidas no processo de gerenciamento dos Resíduos sólidos?

Entendemos que essas e outras perguntas poderiam ser respondidas em um evento sobre a temática ambiental. Surgiu, dessa forma, a necessidade de estabelecer diálogo com o poder público local por meio da Secretaria Municipal de Agricultura e Meio Ambiente do município Euclides da Cunha, assim como com outros sujeitos sociais pertencentes a outros municípios circunvizinhos que lidam diariamente com a temática do desenvolvimento sustentável a partir do estabelecimento da agricultura familiar. Jacobi (2003) ressalta que desenvolvimento sustentável

[...] não se refere especificamente a um problema limitado de adequações ecológicas de um processo social, mas a uma estratégia ou um modelo múltiplo para a sociedade, que deve levar em conta tanto a viabilidade econômica como a ecológica. Num sentido abrangente, a noção de desenvolvimento sustentável reporta-se a necessária redefinição das relações entre sociedade humana e natureza, e, portanto, a uma mudança substancial do processo civilizatório, introduzindo o desafio de pensar a passagem do conceito para a ação. (JACOBI, 2003, p. 194)

Entendemos e discutimos as possibilidades de desenvolvimento na região sem que com isso houvesse um prejuízo às gerações futuras, ou seja, é preciso suprir as necessidades das gerações atuais sem comprometer as capacidades de as gerações futuras atenderem às suas demandas. Nesse contexto, ao propor eventos como esse, busca-se dar continuidade ao processo de educação ambiental atualmente em curso na instituição assim como construir a possibilidade de ação política para a cidadania no sentido de contribuir para a formação de uma coletividade que seja responsável pelo ambiente que habita (SORRENTINO et. al. 2005, p. 287).

Esse processo de educação ambiental de acordo com Carvalho (2012) se revela uma estratégia fundamental para o despertar de um sujeito ecológico, ou seja, um sujeito detentor de uma nova forma de ser e compreender a experiência humana. Nesta perspectiva esse sujeito

sintetiza assim as virtudes de uma existência ecologicamente orientada que busca responder aos dilemas sociais, éticos e estéticos configurados pela crise socioambiental apontando para a possibilidade de um mundo socialmente e ambientalmente sustentável. (CARVALHO. 2012, p. 26).

Portanto a formação de um sujeito ecológico a que Carvalho (2012) se refere é resultado de um processo contínuo de problematização socioambiental em que possibilitem aos sujeitos tomarem consciência de sua realidade social assimétrica para transformá-la no sentido de uma relação homem-natureza mais harmoniosa e mais justa para todos. Espaços educativos como o que foi proposto no evento Meio Ambiente (em)Cena contribuem, logo, para a formação de cidadãos ecologicamente orientados.

Desenvolvimento

Entende-se por relato de experiência “um manuscrito que descreve e reflete criticamente acerca de uma experiência vivida significativa” (EESP, 2010, p. 31). Dessa forma, para dar conta da experiência vivida no evento foi neces-

sário descrever de forma crítica e objetiva todo processo significativo do evento desde o planejamento até a sua execução.

O evento teve início com estudo sobre a temática da sustentabilidade ambiental, assim como o levantamento da legislação vigente sobre resíduos sólidos e descarte de lixo eletrônico no município de Euclides da Cunha. Ainda nessa fase, houve a mobilização dos profissionais que trabalham com meio ambiente na rede pública para realizar debate com os estudantes.

Houve também o (eco)cinema com exibição de um filme documentário com vista a realização de um espaço de discussão e debate após a sessão.

Diante do exposto, é importante salientar que realizamos os seguintes processos metodológicos: criação da comissão organizadora do evento com integrantes docentes e discentes do curso Médio/Técnico em Informática. Nessa comissão ficou estabelecido as atribuições de cada integrante, o tipo e o dia do evento; realização de reuniões de forma presencial e remota ao longo de algumas semanas que antecederam ao evento; realização de reuniões com profissionais da secretaria de Meio Ambiente do município de Euclides da Cunha, bem como outros sujeitos sociais para discussão de temas caros ao evento; seleção do documentário *A Carne é Fraca* (2005) para debate e discussão mediada por professores do IFBA – Campus Euclides da Cunha.

Após algumas semanas de planejamento, o evento foi realizado no dia 08 de junho de 2022, das 08 às 21:30. Contou com a participação de cerca de 350 pessoas incluindo estudantes, professores, técnicos administrativos em educação assim como sujeitos sociais da comunidade externa. O evento teve início às 08h da manhã conforme consta o roteiro abaixo:

1º Momento - A abertura do evento se deu com a performance artística realizada pelo professor de Arte do campus com o título *Cantos da Natureza*.

A performance contou com práticas corporais que personificavam a natureza como aquela que tem voz, emoções e sentimentos. Na encenação, o professor chamava a atenção de todos(as) sobre as consequências das agressões humanas à natureza. Essa apresentação foi realizada no próprio jardim da instituição.

2º Momento – Mesa-Redonda: Os sujeitos da sustentabilidade ambiental - Essa parte da programação foi destinada a uma Mesa-Redonda para diálogos dos estudantes do IFBA com os sujeitos sociais que vêm desenvolvendo ações em prol da sustentabilidade ambiental. Inicialmente foram ouvidas a equipe técnica da Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente do município de Euclides da Cunha composta de um técnico de meio ambiente, um agrônomo e uma engenheira ambiental. Os profissionais apresentaram um panorama de como vem ocorrendo as ações da pasta no que se refere a problemática ambiental, os desafios e os problemas enfrentados. Posteriormente, foi ouvido o presidente da Associação de Apicultores do município o qual trouxe a importância da agricultura familiar como alternativa viável e ecologicamente sustentável ao modelo do agronegócio implantado no país desde a década de 1960. Foi colocado também os desafios que os apicultores vêm enfrentando com relação ao ciclo de vida das abelhas devido aos usos indiscriminados de pesticidas e herbicidas na cadeia produtiva do feijão no município e no mundo. O terceiro sujeito a se apresentar foi o representante da ONG Humana Brasil atuante na comunidade Maceté/Quijingue-BA. Foi apresentada a organização em rede da referida ONG e como ela vem atuando no território da Bahia buscando o desenvolvimento integral das comunidades, ou seja, organizando sujeitos para elevação da qualidade de vida passando por mudanças nos hábitos de consumo e cuidado com o ambiente. De acordo com o representante, a ONG atua no desenvolvimento rural sustentável das comunidades; responsabilidade socioambiental e promoção e defesa dos direitos das mulheres além de outras linhas de ação.

Após a apresentação de cada sujeito da Mesa Redonda foi aberto para o debate. Nesse momento os estudantes ficaram livres para perguntas. Percebeu-se importante interação dos estudantes com questões pontuais acerca do que havia sido debatido na mesa, demonstrando, dessa maneira, a atenção com as discussões e se colocando como sujeitos de ação, políticos.

3º Momento – Essa parte se deu após a pausa para almoço cujo retorno estava programado para às 14h. Inicialmente foi realizada uma contextualização e discussão do que havia sido trabalhado no primeiro turno de atividades em seguida foi projetado o videodocumentário *A Carne é Fraca*. Esse documentário elaborado pelo Instituto Nina Rosa no ano de 2005, aborda as consequências socioambientais, inclusive com reflexo na saúde humana, do consumo da proteína animal. O vídeo realiza ainda a trajetória de todo processo produtivo da proteína animal até chegar à mesa do consumidor final. Questiona o modelo perverso do sistema capitalista a partir dos impactos que o simples ato de comer proteína animal representa para a saúde humana, para os animais e, enfim, para o planeta. Logo após à projeção do documentário, foi dada a palavra para a professora de Biologia do campus atualizar os dados do documentário, já que sua produção ocorreu em 2005. Em seguida uma das professoras de Sociologia do campus explanou sobre sua experiência em se tornar vegana, uma alternativa aos problemas abordados na obra cinematográfica. É importante evidenciar que em todos esses momentos foi sempre exposto que o objetivo era dialogar com as diversas experiências dos discentes. Diante disso, os alunos tiveram oportunidade de debater com a professora e os demais professores sobre as consequências do atual modelo de desenvolvimento capitalista e suas consequências socioambientais.

4º Momento – Esse foi o estágio simbólico do projeto com o plantio de mudas (árvores frutíferas e Pau-Brasil) com os alunos. Esse momento marcou

a necessidade urgente de que nós, enquanto sociedade, temos que nos mobilizarmos para a mudança dos hábitos de consumo que tem levado a um não desenvolvimento ecologicamente sustentável. Cada turma ficou responsável pelo plantio e pelo cuidado ao longo do ano.

Resultados e Discussões

Com a realização do evento, os estudantes tiveram a oportunidade de ter ciência dos projetos ambientais que vêm sendo realizados por diferentes sujeitos sociais assim como oportunidade de trocas de saberes e experiências com eles. Esses diálogos certamente abriram caminho para diversas possibilidades de parcerias entre o IFBA – Campus Euclides da Cunha e demais sujeitos sociais na busca pela transição para sociedades sustentáveis.

Além disso, o evento se mostrou positivo enquanto espaço de tomada de consciência ambiental a partir de trocas de saberes entre os referidos sujeitos. Alguns participantes, inclusive, não tinham conhecimento sobre como realizar o descarte adequado do lixo eletrônico e dos medicamentos vencidos. Outro ponto importante advindo do debate foi sobre a importância do plantio de árvores frutíferas como estratégia de uma alimentação saudável e relacionada a melhor qualidade de vida. Além disso, para a manutenção das abelhas nessas terras é preciso que haja essa preocupação com os tipos de árvores que estão sendo plantadas.

Esperamos que essa vivência possa ter contribuído para ampliação dos conhecimentos dos estudantes no âmbito do componente curricular de PPA bem como no seu respectivo repertório sociocultural em torno dos temas trabalhados, assim como para um entendimento de que o conhecimento se produz a partir de espaços democráticos, reflexivos e críticos sobre a realidade que vivemos e não apenas em uma sala de aula convencional. Nesse sentido, conhecer

é um processo de desconstrução de visões ideológicas dominantes para implementação de um novo modelo de sociedade mais ecologicamente sustentável.

Conclusão

A partir das intervenções realizadas antes e durante o evento com a comunidade escolar ficou evidente a necessidade do trabalho em rede com os agentes sociais que desenvolvem ações sobre a temática ambiental nos municípios ao entorno da instituição. Esta parceria permanece no sentido de concentrar esforços para potencializar ações dialógicas, bem como oportunizar a ampliação da participação de diferentes sujeitos sociais na região. Essa contribuição dos vários atores da sociedade local tomando parte sobre seus próprios destinos possibilita condições para uma realidade que seja de fato sustentável.

Constatou-se, assim, a necessidade de uma discussão permanente sobre essa temática tanto com a comunidade escolar do IFBA, como também com a comunidade externa, a partir de ações concretas, pois apesar das diversas ações que ocorrem no município, não ficou evidente que existe um trabalho fortalecido de articulação em rede que possa contribuir com o desenvolvimento socioambiental da comunidade e seu entorno.

Referências

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996**.

BRASIL. **Lei Nº 12.305, de 2 de agosto de 2010. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos; altera a Lei no 9.605, de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providências**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112305.htm>. Acesso em: 08 de abril de 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Programa de Educação Ambiental – ProNEA**. Coordenação Geral de Educação Ambiental. – 3ª ed – Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005.

A Educação Ambiental como instrumento na formação da cidadania. CARVALHO, I. C. M. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

COLOMBO, S. R. **A Educação Ambiental como instrumento formação da cidadania**. Revista EESP. Caderno de apoio para elaboração do trabalho de conclusão de curso. Escola Estadual de Saúde Pública. Salvador, 2010.

IFBA - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia. **Projeto Pedagógico do Curso Técnico de Nível Médio em Informática, Integrado ao Ensino Médio**. Euclides da Cunha, 2016.

JACOBI, Pedro. **Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade**. Cadernos de Pesquisa. N. 118, p189-206. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/kJbkFbyJtmCrfTmfHxktgnt/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 18 junho 2022.

REIGOTA, M. **O que é Educação Ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 1994a. (Coleção Primeiros Passos).

SORRENTINO, M. et. al. **Educação ambiental como política pública**. Revista Educação e Pesquisa, v.31, n. 2, p. 285-299, maio/ago. 2005.

CAPÍTULO 5

PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO COM ARTE: CONTRIBUIÇÕES PARA O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Ludimira da Silva Duarte

Cláudia Lafaiete de Brito Freitas

Daniela Menezes de Sousa Candido

Judite Terezinha Ostrowski Fernandes

Doi: 10.48209/978-65-5417-096-5

Introdução

O processo de ensino e aprendizagem tem passado por constantes reformulações motivadas pela facilidade e qualidade, buscando sempre atender as demandas existentes na atualidade. A sociedade já não é a mesma, conseqüentemente, não há como a escola estar inserida unicamente a metodologias tradicionalistas, cabendo a instituição mudar seus parâmetros de ensino a fim de contribuir com a aprendizagem dos alunos.

Com as demandas da atualidade, muito se questiona sobre as melhores formas de promover a alfabetização e letramento das crianças, visto que comprovado cientificamente, cada uma aprende a seu tempo e a sua própria maneira. A alfabetização se consiste em um dos primeiros passos com relação ao que deve se aprender na escola, espera-se que uma criança esteja alfabetizada até o fim do 2º ano do Ensino Fundamental.

A alfabetização se consiste no “acesso ao mundo letrado em um contexto de significados e utilidades, é o movimento de aquisição dos aspectos técnicos da linguagem escrita, e cabe à escola apresentar esse mundo à criança” (MEDEIROS; DOMINGOS; VILELA, 2016, p. 03).

Enquanto a alfabetização se consiste no início, na base inicial para o processo de leitura e escrita por meio do reconhecimento do alfabeto, o letramento se trata de informar-se com a leitura, saber “buscar notícias e lazer nos jornais, interagir selecionando o que desperta interesse, divertir-se com as histórias em quadrinhos, seguir receita de bolo, a lista de compras de casa, fazer comunicação através do recado, do bilhete, do telegrama” (HAMZE, 2020, n. p.).

Sabe-se que as competências artísticas são fundamentais a todas as pessoas ainda associadas a aprendizagem contribuem de forma indiscutível para que ocorra associações, bem como interações positivas e inovadoras. Segundo Pessoa (2020), o ensino por meio da Arte contribui para que seja oportunizado o conhecimento por meio da decifragem de códigos. “Este conhecimento chegará até os alunos através da alfabetização do olhar, que será construída a cada ano, aumentando o repertório de informações e a possibilidade da leitura mais consciente do mundo” (PESSOA, 2020, n. p.).

É compreensível que a Arte esteja fortemente associada com um processo de alfabetização e letramento positivo, visto que permite que as crianças tenham contato com esse meio de forma interativa e dinâmica. Nesse sentido, esse estudo tem como principal objetivo discorrer a respeito das contribuições da Arte para melhorias no processo de ensino de alfabetização, buscando apontar a importância das contribuições artísticas para que as finalidades educacionais sejam contempladas.

A Arte, Alfabetização e Letramento

A Arte se trata de um componente curricular obrigatório presente em toda educação básica, sendo caracterizado por instigar a imaginação e a criatividade de todas as pessoas, independente da idade. Na infância as práticas artísticas são ainda mais evidentes, considera-se a Arte como uma linguagem da fase por isso, as crianças possuem tanta facilidade em adequar-se a esse universo.

No ambiente escolar, nos primeiros anos da Educação Básica inicia-se o processo de alfabetização, esperando-se que todas as crianças estejam devidamente alfabetizadas até o final do segundo ano do Ensino Fundamental I, quando possuem em média 7 anos de idade.

A alfabetização e o letramento devem ser trabalhados de forma associada, buscando possibilitar aos alunos a compreensão de mundo, dispendo de “apresso pela leitura, tornando um sujeito crítico na sociedade em que está inserido. No trabalho realizado coma associação desses dois saberes é comum o uso outras áreas do saber como instrumento auxiliador no processo de aquisição deles” (LOURETO, 2020, p. 02).

A Arte é destacada enquanto uma promotora de liberdade para as crianças, visto que o uso das expressões artísticas no contexto escolar “viabiliza não só

o enriquecimento cultural, mas propicia o desenvolvimento da imaginação, da sensibilidade, da confiança, da criticidade, da percepção e da sociabilidade dos discentes” (MEDEIROS; DOMINGOS; VILELA, 2016, p. 02).

Para Ana Mae Barbosa, influente pesquisadora e arte educadora, defende o processo de alfabetização e letramento com auxílio dos campos artísticos. Segundo ela “ensinar através da arte e tornar as crianças conscientes da produção humana de alta qualidade é uma forma de prepará-las para compreender e avaliar todo tipo de imagem, conscientizando-as de que estão aprendendo com estas imagens”. (BARBOSA, 1998, p. 17)

Os diferentes campos artísticos ocupam contribuições em todos os campos da educação, o que chama atenção para a inserção no processo de alfabetização e letramento. Loureto (2019) colabora que

A escola tem o papel de ampliar as experiências, conhecimentos e habilidades, partindo do contexto da realidade da criança, auxiliando na socialização e no desenvolvimento expressivo e crítico do aluno. As artes trabalham o processo criativo e a capacidade de expressão artística da criança, de forma que auxilia no seu desenvolvimento integral. Através da arte, as crianças compreendem as informações de maneira prazerosa e natural. Na música, é possível ser ensinado letras, números, cores através de canções. Além de auxiliar na escrita, leitura e interpretação de textos. Na alfabetização e letramento, ela contempla na dinamização da aula, de forma que adapta os alunos a diversos contextos culturais (LOURETO, 2020, p. 02).

Em razão da diversidade de crianças que a escola recebe, cada uma com uma história de vida, convivência com um meio diferente, entre outras características, é necessário que sejam buscadas formas que atinjam todas elas, assim a alfabetização com Arte se destaca, visto que incentiva todas a se descobrir por meio de práticas artísticas.

A necessidade de um processo de alfabetização e letramento voltado a utilização de práticas artísticas confirma a importância da Arte na escola. A

leitura do discurso visual, vai além “de forma, cor, equilíbrio, movimento, ritmo, mas principalmente é centrada na significação que esses atributos, em diferentes contextos, conferem à imagem é um imperativo de contemporaneidade” (BARBOSA, 2003, p.18).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento de referência que norteia as habilidades e competências da Educação Básica defende a Arte como uma ferramenta de facilitação para o desenvolvimento da alfabetização e letramento nas séries iniciais. “O componente Arte, ao possibilitar o acesso à leitura, à criação e à produção nas diversas linguagens artísticas, contribui para o desenvolvimento de habilidades relacionadas tanto à linguagem verbal quanto às linguagens não verbais” (BRASIL, 2017, p. 198).

Todas as competências para o ensino de Arte para os anos iniciais do Ensino Fundamental estão relacionadas ao processo de alfabetização e letramento. A BNCC aponta:

- Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.
- Compreender as relações entre as linguagens da Arte e suas práticas integradas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação, pelo cinema e pelo audiovisual, nas condições particulares de produção, na prática de cada linguagem e nas suas articulações.
- Pesquisar e conhecer distintas matrizes estéticas e culturais – especialmente aquelas manifestas na arte e nas culturas que constituem a identidade brasileira –, sua tradição e manifestações contemporâneas, reelaborando-as nas criações em Arte.
- Experienciar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, ressignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte.
- Mobilizar recursos tecnológicos como formas de registro, pesquisa e criação artística.
- Estabelecer relações entre arte, mídia, mercado e consumo, compreendendo, de forma crítica e problematizadora, modos de produção e de circulação da arte na sociedade.

- Problematizar questões políticas, sociais, econômicas, científicas, tecnológicas e culturais, por meio de exercícios, produções, intervenções e apresentações artísticas.
- Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.
- Analisar e valorizar o patrimônio artístico nacional e internacional, material e imaterial, com suas histórias e diferentes visões de mundo (BRASIL, 2017, p. 198).

É por intermédio das atividades artísticas no período de alfabetização e letramento que os alunos passarão a ter disposição por uma das modalidades da Arte, considerando a variedade de experiências que eles podem vivenciar. Para a BNCC (2017), é nesse percurso do fazer artístico que os alunos passam a criar, experimentar, desenvolver e perceber uma apreciação pessoal. “Os conhecimentos, processos e técnicas contribuem para a contextualização dos saberes e das práticas artísticas. Eles possibilitam compreender as relações entre tempos e contextos sociais dos sujeitos na sua interação com a arte e a cultura” (BRASIL, 2017, p. 198).

Naturalmente a Arte se associa com a alfabetização e letramento, visto que se integra em um conjunto de elementos que constituem uma totalidade, geralmente relacionada a visualidade. Concordando com o exposto, Pessoa (2020) descreve que “o aluno vai iniciando a alfabetização do seu olhar, construindo e aprimorando um repertório de símbolos visuais e sensoriais que o ajudará a ler o mundo que está ao seu redor de forma simbólica” (PESSOA, 2020, n. p.).

É interessante citar que os métodos de alfabetização e letramento baseados em concepções tradicionalistas são experiências traumáticas para muitos alunos, visto que limitam as competências dos alunos a meras repetições. “Os métodos de apropriação do sistema alfabético utilizando cartilhas, ditados, com repetições, memorizações e castigos, tornaram o processo de alfabetização um reflexo

negativo para os alunos que leem, mas não compreendem” (LOURETO, 2019, p. 02). Com um processo mais amplo, como ocorre por meio das intervenções artísticas é possível que as crianças experimentem a liberdade de criação.

Ao docente cabe a busca pelo desenvolvimento de atividades que incluam as modalidades artísticas nos processos de alfabetização e letramento. Para que os alunos tenham possibilidades de “desenvolverem-se na área expressiva, é imprescindível que o professor rompa seus próprios estereótipos, a fim de que consiga realizar intervenções pedagógicas no sentido de trazer à tona o universo expressivo infantil” (CUNHA, 2002, p. 12).

Compreende-se que a presença de atividades artísticas na alfabetização e letramento ocasionam um trabalho que flui naturalmente visto que dinamiza as aulas e contribui com um processo de ensino e aprendizagem que desperta prazer para as crianças, inclusive com a proporção da socialização entre elas. Neste contexto, é compreensível que a Arte proporciona o alargamento da linguagem, em que cada criança desenvolve condições de conhecer integralmente outros campos de conhecimento, além de oportunizar que as crianças possam expandir seus sentidos e exteriorizá-los da própria maneira.

Práticas com Arte para a Alfabetização e Letramento

Praticar a Arte é uma tarefa muito fácil, especialmente para as crianças que dispõem de todo imaginário a seu dispor. Por se tratar de um assunto relativamente novo para a maioria das crianças a alfabetização pode ter um grande impacto de aceitação, ainda muitas dificuldades podem ser sentidas pelos alunos com relação as metodologias empregadas.

É compreensível que trabalhar por meio das atividades artísticas no processo de alfabetização e letramento contribui com a vivência de momentos

lúdicos, que propiciam sensações de pertencimento, lazer e bem-estar no público infantil. Compreende-se que “uma atividade lúdica é uma atividade de entretenimento, que dá prazer e diverte as pessoas envolvidas. O conceito de atividades lúdicas está relacionado com o ludismo, ou seja, atividade relacionadas com jogos e com o ato de brincar” (SIGNIFICADOS, 2020, n. p.).

Afirmando a importância do lúdico, para Teixeira, Rocha e Silva (2010), ao inserir-se o lúdico em sala de aula as crianças melhorarão a autoestima, “fazendo com que se integre no grupo, pois a lúdico é um espaço de interação e confronto de diversas crianças com pontos de vista diferentes, em que cada uma terá a oportunidade de fazer valer seu ponto de vista” (TEIXEIRA; ROCHA; SILVA, 2010, p. 12).

É importante reconhecer que muitas escolas contam com recursos limitados com relação a diversidades de ferramentas artísticas, o que não pode ser visto como um impedimento para que as crianças tenham acesso a estímulos sob a própria criatividade. É função do docente inovar, buscar adaptar seus recursos a fim de propiciar o acesso ao campo artístico para as crianças terem a oportunidade de experimentar essas novas vivências.

Cabe citar que muitas vezes não se faz necessário a utilização de recursos específicos para a promoção da alfabetização com a Arte, visto que a criação é subjetiva e particular a cada processo. As imagens a seguir documentam atividades que podem ser desenvolvidas com associação aos campos artísticos com o processo de alfabetização e letramento.

Imagem 1 – Descobrendo letras mágicas



Fonte: Educlub (2020)

A imagem acima expõe uma prática bem simples, porém, bastante contributiva com relação ao processo de alfabetização e letramento. Nessa atividade a criança é instruída a pintar um papel comum e “desenhar” o alfabeto. “Através da arte, as crianças compreendem as informações de maneira prazerosa e natural” (LOURETO, 2019, p. 04). Essa atividade contribui para a memorização e aprendizagem das letras, permitindo que os alunos associem a alfabetização a vivência de momentos divertidos e acolhedores.

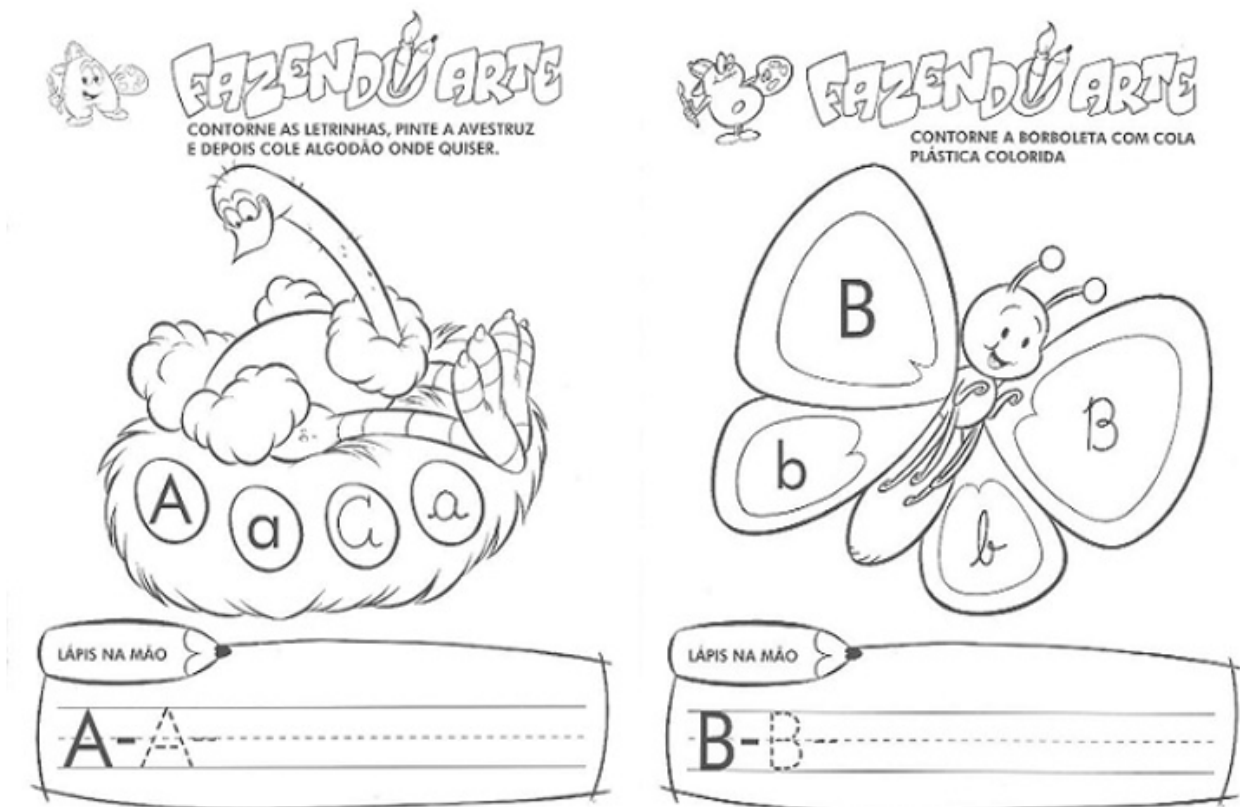
Imagem 2 – Alfabeto divertido



Fonte: Colorindo.org

A imagem 2 expõe um alfabeto divertido, em que as letras possuem expressões animadas o que chama atenção das crianças. Essa atividade pode ser utilizada de diferentes maneiras, como por exemplo, o reconhecimento das letras, práticas de pintura e a junção de letras e formação de sílabas/palavras.

Imagem 3 – Alfabetização fazendo Arte



Fonte: Fazendo Arte

Assim, a imagem 3 associa as letras a objetos, buscando que os alunos desenvolvam a sensibilidade sobre a escrita e possam pintar os elementos compostos na atividade. Esse tipo de exercício permite que as crianças integrem as letras ao mundo real, o que permite compreender a totalidade em que se insere o próprio letramento.

Com base na observação das três atividades percorridas como exemplo, é notório que o docente necessita dispor de um olhar mais atento a práticas artísticas que poderão impactar positivamente a aprendizagem dos alunos, contribuindo para o exercício da alfabetização e letramento em um tempo considerado necessário, colaborando com a realização de um processo de ensino e aprendizagem de qualidade.

Conclusão

Com o fim da realização desse estudo muito pôde-se aprender a respeito das contribuições dos campos artísticos para o processo de alfabetização e letramento, chamando atenção para que práticas nesse sentido sejam mais utilizadas com as crianças, para que assim elas possam vivenciar experiências diferentes e aprender a novas maneiras. Fica claro que utilizar as capacidades que a Arte proporciona colabora de maneira positiva com as necessidades das instituições de ensino, colaborando com a consolidação de um processo de ensino e aprendizagem de qualidade.

Referências

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 1998.

BARBOSA, Ana Mãe (Org.) **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

CUNHA, S. R. (Org.). **Cor, som e movimento: a expressão plástica musical e dramática no cotidiano das crianças**. Porto Alegre: Mediação, 2002.

HAMZE, Amelia. **Alfabetização ou Letramento?** Disponível em: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/trabalho-docente/alfabetizacao.htm> Acesso em 15 dez. 2022.

LOURETO, Ana Ísis Porto. **A Arte no processo de ensino-aprendizagem da alfabetização e letramento**. Editora Realize: Conedu, 2019.

MEDEIROS, Daniella Alves de; DOMINGOS, Luzimeire Severino; VILELA, Maria Aparecida Augusto Satto. **Alfabetização e letramento por meio da arte: uma apresentação do cenário educacional**. 7º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, 2016.

PESSOA, Elaine Rodrigues. **A alfabetização do olhar no ensino da Arte.** Disponível em: <https://fce.edu.br/blog/a-alfabetizacao-do-olhar-no-ensino-da-arte/> Acesso em 15 dez. 2022.

SIGNIFICADOS. Significado de Lúdico. Disponível em: <https://www.significados.com.br/ludico/> Acesso em 02 dez. 2022.

TEIXEIRA, Silvana. **Metodologias de ensino: importância no processo de aprendizagem.** Disponível em: <https://www.cpt.com.br/dicas-cursos-cpt/metodologias-de-ensino-importancia-no-processo-de-aprendizagem>. Acesso em 02 dez. 2022.

SOBRE OS ORGANIZADORES

Liziany Müller

Possui Bacharelado em Zootecnia (2004) e Licenciatura pelo Programa Especial de Graduação de Formação de Professores para a Educação Profissional (2011) ambas pela Universidade Federal de Santa Maria, Mestrado (2006) e Doutorado (2009) pelo Programa de Pós Graduação em Agronomia na Universidade Federal de Santa Maria, Pós-doutorado em Zootecnia no Programa de Pós Graduação em Zootecnia na Universidade Federal de Santa Maria (2011). Já atuou como: Professora e Orientadora do Curso de Especialização em Tecnologia de Informação e Comunicação da Universidade Aberta do Brasil/UFSM; Professora do Curso de Especialização em Agricultura Familiar Camponesa e Educação do campo- Residência Agrária; Professora e Orientadora do PPGTER - Programa de Pós-Graduação em Tecnologias Educacionais em Rede nível Mestrado da Universidade Federal de Santa Maria. Atualmente é coordenadora da Coordenadoria de Tecnologia Educacionais da Pró-reitoria de Graduação da UFSM; professora Associada III, responsável pelo Laboratório Mediações Sociais e Culturais - Departamento de Educação Agrícola e Extensão Rural - Centro de Ciências Rurais - Universidade Federal de Santa Maria; Professora e Coordenadora Adjunta do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Aberta do Brasil/UFSM; Professora Permanente no Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural.

Ivanio Folmer

Graduado em Geografia Licenciatura pela Universidade Federal de Santa Maria (2014). Mestre em Geografia pelo Programa de Pós Graduação em Geografia-PPGGEO/UFSM (2018). Doutorando em Geografia-PPGGEO/UFSM com previsão de término em 2022. Participante de diversos projetos de pesquisa e extensão, com as temáticas de Educação no campo; Território; Sujeitos do Campo; Educação Ambiental; Gênero e sexualidade; Mortalidade Infantil; Catadores e Memória e Patrimônio Cultural. É professor da Rede Estadual do RS na Área das Humanas - Componente Curricular: Geografia. Tutor EAD no Curso Licenciatura em Educação do Campo UAB/UFSM desde 2018. Integrante do Grupo de Pesquisa Girassol - Grupo de Pesquisa em Agroecologia, Educação do Campo e Inovações Sociais - UFSM; Grupo de Pesquisa em Educação e Território- GPET - UFSM e Agricultura e Urbanização na América Latina - USP. É integrante da Academia Luso-Brasileira de Letras do Rio Grande do Sul.

Gabriella Eldereti Machado

É Licenciada em Química pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha - IFFar - Campus Alegrete (2015) e Pedagoga pelo Centro Universitário Facvest - Unifacvest (2020). Especialista Educação Ambiental pela Universidade Federal de Santa Maria (2016), Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (2018). Atualmente é Discente do Programa de Pós - Graduação em Educação - Doutorado em Educação na Universidade Federal de Santa Maria. Participou do Grupo de Estudo e pesquisa Feministas (UFSM); do Grupo de Estudos em Políticas e Gestão Educacional (IFar - Campus Alegrete); do Grupo de Agroecologia Terra Sul (UFSM). Atualmente participa do Núcleo de Pesquisa em Desenvolvimento Territorial do Pampa (IFar - Campus Alegrete) e atua como pesquisadora no Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social - GEPEIS (UFSM). Trabalha na área da Educação, com ênfase na Formação de Professores e Imaginário Social.

Maria Cristina Rigão Iop

Graduada em Estudos Sociais pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Imaculada Conceição(1988) e em Pedagogia pelo Centro Universitário Cidade Verde (2022). Especialista em Pesquisa pelas Faculdades Franciscanas (1996) e em Mídias em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (2012), Mestre em Educação (2015) e Doutora em Educação (2020) pela Universidade de Santa Cruz do Sul. Professora da Rede Municipal de Ensino de Santa Maria desde 1996, atualmente atuando na Secretaria de Município de Educação como coordenadora pedagógica de Anos Finais e da modalidade Educação de Jovens e Adultos - EJA. É colaboradora da Universidade Aberta do Brasil - UAB/ UFSM, onde é tutora desde 2013, atualmente atuando no Curso de Licenciatura em Educação do Campo. É pesquisadora do Grupo Girassol - Grupo de Pesquisa em Agroecologia, Educação do Campo e Inovações Sociais da UFSM. Também é pesquisadora do grupo Linguagem, cultura e educação - LinCE da Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC, na linha de pesquisa Aprendizagem, Tecnologias e Linguagem na Educação.

E-mail: mcriop@gmail.com.br

Rosiele Oliveira da Encarnação

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestre em Educação em Ciências pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Licenciada em Ciências Biológicas (2015) e Técnica em Informática (2017) no Instituto Federal Farroupilha-Campus São Vicente do Sul. Atuou em diversos projetos voltados a educação, como: bolsista no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID, 2013/2015), Projeto Destino Certo do Lixo (PRODECE, 2014) e Utilizando o Cinema como Ferramenta Didática no Ensino de Ciências Naturais (2017). Atualmente é professora integrante do Programa Temas Emergentes e Ensino Híbrido para Educação Básica da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); e do Grupo de Estudos e Pesquisa em Ensino e Educação Profissional e Tecnológica, do Instituto Federal Farroupilha (IFFar). Também é estagiária da PROGEP - SI-GEPE, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) no programa Fomento à Economia Solidária na região central do Rio Grande do Sul.

SOBRE OS AUTORES

Alceane Bezerra Feitosa

Possui graduação em Letras/português (2014) pela Universidade Federal do Piauí (UFPI); Especialização em Estudos Linguísticos e Literários pela Universidade Estadual do Piauí (2016); Mestrado em Letras - Área de Concentração em Estudos de Linguagem (2018) pela Universidade Federal do Piauí. Atualmente exerce a função de Professor Efetivo de Língua Portuguesa na SEDUC-CE e Tutor a Distância do Curso de Letras/português do Centro de Educação Aberta e a Distância da Universidade Federal do Piauí.

Cristiane Alves dos Santos

Licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais Aplicadas do Araguaia - Faculdades Cathedral (2011). Licenciada em Educação Física pela UFMT- Universidade Federal de Mato Grosso (2016). Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional, Faculdades Unidas do Vale do Araguaia - UFMT (2012). E-mail: crysti4ne@gmail.com

Cláudia Santos Pereira

Professora do Instituto Federal da Bahia, Campus Euclides da Cunha, mestranda em educação - UNEB. E-mail: claudiapereira@ifba.edu.br

Cláudia Lafaiete de Brito Freitas

Especialista em Docência Multidisciplinar na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental pelas Faculdades Cathedral - Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais Aplicadas do Araguaia (2004); Especialização em Educação Infantil pela Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT (2012). Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás - UEG (2003). Professora na rede pública de ensino no município de Barra do Garças MT.

E-mail: claudialafaiete@gmail.com

Daniela Menezes de Sousa Candido

Especialista em Docência Multidisciplinar na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental - Faculdades Catedral (2004), licenciada em Pedagogia - UNIVAR (2002). Professora na rede pública de ensino no município de Barra do Garças - MT.

Hassan Pereira Jalil

Mestre em educação e tecnologia (IFSul campus Pelotas); Graduado em licenciatura em música, licenciatura em pedagogia e licenciatura em educação física; Especialista em ensino de arte e música; metodologias em educação à distância e musicoterapia. Professor da rede municipal de ensino de Pelotas.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1962306882012567>

ORCID: 0000-0002-6113-5270

E-mail: hassanjalil@hotmail.com.br

Judite Terezinha Ostrowski Fernandes

Especialista em Docência Multidisciplinar na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental - Faculdades Catedral (2004); licenciada em Pedagogia - UNIVAR (2002). Professora na rede pública de ensino no município de Barra do Garças - MT. E-mail: juditefernandesj@gmail.com

Laura Fernanda Ramos dos Santos

Licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais Aplicadas do Araguaia - Faculdades Cathedral, (2011). Especialista em Psicopedagogia pela Faculdades Integradas de Várzea Grande - FIAVEC (2011).

E-mail: laurafernandardossantos@gmail.com

Ludimira da Silva Duarte

Especialista em Psicopedagogia institucional com ênfase na educação inclusiva pelo Centro Universitário - Unicathedral (2020); graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário UniCathedral (2019); Professora e pesquisadora na rede pública de ensino no município de Barra do Garças - MT.

E-mail: ludimira.mila@gmail.com

Marcos de Oliveira Silva

Professor do Instituto Federal da Bahia, Campus Euclides da Cunha, mestrando em Ensino de Ciências Ambientais, PROFCLAMB/UEFS.

E-mail: marcos_silva@ifba.edu.br

REFLEXÕES DOCENTES E SUAS PRÁTICAS EDUCACIONAIS:

Experiências exitosas da Educação Básica ao Ensino Superior

vol. II

www.arcoeditores.com
contato@arcoeditores.com
(55)99723-4952

ARCO
EDITORES ● ● ●